

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
BACHAREL EM PRODUÇÃO CULTURAL

TABITA CAROLINE DOS SANTOS BASTOS

**MUSEU DE FAVELA DO PAVÃO - PAVÃOZINHO -
CANTAGALO:**

sua relação com os moradores e a museologia social.

NITERÓI
2013



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL - GGR

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: TABITA CAROLINE DOS SANTOS BASTOS	Matrícula: 31133010
Título do Trabalho: MUSEU DE FAVELA DO PAVÃO-PAVÃOZINHO-CANTAGALO: SUA RELAÇÃO COM OS MORADORES E A MUSEOLOGIA LOCAL	
Orientador: Me. Aline Portilho	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 22.03.2013

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente) Me. Aline Portilho
2º Membro: Me. Pamella Passos
3º Membro: Drª. Marisa Schincariol de Mello

AVALIAÇÃO:
Análise / Comentário
<p>A banca destaca a pertinência e relevância do tema, do trabalho de campo e recomenda a continuidade da pesquisa na pós-graduação. Identificamos uma possibilidade interessante de desenvolvimento do trabalho na Pós-graduação em Cultura e Territorialidades.</p>

Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):	9,0
---	------------

ASSINATURAS		
 1º Membro (Presidente)	 2º Membro	 3º Membro

TABITA CAROLINE DOS SANTOS BASTOS

**MUSEU DE FAVELA DO PAVÃO - PAVÃOZINHO -
CANTAGALO:**

sua relação com os moradores e a museologia social.

Monografia apresentada ao curso de Graduação
em Produção Cultural da Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel.

Orientadora Aline Portilho

Niterói

2013

ii

TABITA CAROLINE DOS SANTOS BASTOS

**MUSEU DE FAVELA DO PAVÃO - PAVÃOZINHO -
CANTAGALO:**

sua relação com os moradores e a museologia social.

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Aline Portilho (orientadora)

Profa. Pâmella Passos –Mestre em História - IFRJ

Profa. Marisa Schincariol de Mello - Doutora em História – Pesquisadora Independente

Niterói

2013

iii

A Deus e a minha família: Severino, Antônia e Leonel por me darem o apoio e suporte em todos os momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

A origem, o meio e o fim deste projeto são como um sonho realizado. Para realizar um sonho é necessário trabalhar, controlar e lutar contra as emoções e sentimentos que querem nos fazer parar; sempre buscando algo que nos ofereça um motivo maior para seguirmos adiante. A formação como graduanda de Produção Cultural, um caminho muito árduo, me trouxe coragem e sensibilidade para entender e desenvolver este trabalho monográfico. Além de sentir-me capaz para enfrentar com a sensibilidade necessária o mercado de trabalho da Produção Cultural.

Nas idas e vindas pela favela, nos lanches e almoços nas casas dos moradores, nas orações feitas para que eu conseguisse realizar minha monografia, nas conversas nas vielas com os moradores, o abismo entre pesquisadores e pesquisados se tornou cada vez menos distante. Com isso, pôde-se conhecer um pouco mais da riqueza cultural da favela. Por isso, é imprescindível agradecer a todos os moradores envolvidos na pesquisa. Sem as dicas dadas, sem o apoio recebido, talvez não fosse possível chegar até aqui com essa pesquisa.

Por isso gostaria de agradecer em especial ao Luciano Lai por seu apoio e por suas palavras de incentivo ao dedicar tempo para ficar e ler alguns documentos comigo, e me levar para os eventos do MUF.

Pela ajuda de amigas especiais: Beatriz Pimentel, Luisa Tavares e Caroline Hang, sem vocês não conseguiria ter chegado até aqui. Também à: Zanna Marques, Monique Volter, Beatriz Terra, Tatiana Neres, Raylla Duarte, Chin Chin, Monique Freitas e Tatiana Bastos pelas suas colaborações direta e indireta neste trabalho. À Lily Liu por ter me liberado do trabalho para terminar a monografia e por ser uma admirável líder espiritual.

Agradeço à minha orientadora Aline Portilho por ter aceitado esse desafio de me orientar, e pela paciência e confiança no meu trabalho. Obrigada por me acolher no momento em que pensei que não fosse mais encontrar alguém disponível para me orientar.

Ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, onde iniciei minha graduação e conheci minha primeira orientadora de curso, Daniele Dionisio e pela oportunidade de ali fazer tão belas amizades.

À Professora Pâmella Passos que sempre está pronta a me ajudar, mesmo que às vezes com um jeito mais intenso. Ela não foi somente uma coordenadora, mas também uma espécie de

mentora. Nunca esquecerei quando estava passando por um momento de crise e ao chegar no estágio tinha o livro “Persepolis”, com um recadinho para me ajudar a superar aquele período.

À professora Marisa Schincariol por aceitar meu convite de participar da minha banca.

E um agradecimento especial à minha mãe, que é minha vida, meu norte, minha força, e que, através de sua sabedoria provinda da cultura popular, sempre consegue me surpreender.

“Suba o primeiro degrau com fé. Não é necessário que você veja toda a escada.
Apenas dê o primeiro passo”.

Martin Luther King

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre uma proposta bastante peculiar de museologia social, do Museu de Favela do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, e as maneiras como os moradores percebem e se apropriam desta proposta. Para fazer a análise foi realizado um trabalho de campo no Complexo, além de entrevistas com moradores, fundadores e pessoas que tem envolvimento com o MUF. A instituição referida é uma organização não-governamental, constituída por moradores do Cantagalo Pavão-Pavãozinho, que propõe como Museu a valorização da memória da favela, visando a reafirmação da identidade local pelos seus moradores. O trabalho mostra como a comunidade reage a essas ideias trabalhadas pelo MUF e qual a visão dos moradores em relação ao mesmo, através de um trabalho de campo com entrevistas e observação participante dos eventos. A partir deste material empírico, procuro refletir sobre o conceito e o campo da museologia social, através deste museu de território, segundo a visão dos sócios-fundadores. Para elucidar melhor as questões levantadas, proponho ao final a realização de um breve contraponto desta exitosa experiência com o Museu a Céu Aberto da Providência, posto que este museu também é um museu territorial em favela, entretanto não teve sucesso na sua proposta. Os resultados da pesquisa permitem concluir que há uma baixa adesão dos moradores às iniciativas do MUF. Entretanto, a proposta de solidificar os laços identitários desta localidade através de um museu é importante para comunidade, pois cria um vínculo entre eles, fortalecendo a ideia que eles têm “de si mesmo” e de suas histórias como sujeitos integrados. Esse encontro “de si mesmo” que o MUF quer implantar é um processo em andamento e levará ainda algum tempo para se construir e fortificar.

Palavras-Chave: Museu de Território, MUF, Cantagalo Pavão-Pavãozinho.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa do Cantagalo, Pavão-Pavãozinho e seus subterritórios	06
FIGURA 2 – Visão do Visão do Pavão-Pavãozinho	11
FIGURA 3 – Dados demográficos: população e domicílio das comunidades.....	13
FIGURA 4 – Indicadores Socioeconômicos.....	13
FIGURA 5 – Estrutura de Governança do MUF	24
FIGURA 6 – Cartaz online de divulgação do evento Morro Acima	26
FIGURA 7 – Cartaz online de divulgação do lançamento da Brinquedoteca e quadro de atividades	28
FIGURA 8 – Trabalhos desenvolvidos por ACME e sua esposa	33
FIGURA 9 – Portal Amor Perfeito.	32
FIGURA 10 –Tabela com 20 telas feitas pela arte do <i>graffiti</i>	34
FIGURA 11 – Mapa do Circuito Casas-Tela.....	35
FIGURA 12 – Vietnã	40
FIGURA 13 – Visão do Mirante da Lagoa.....	40
FIGURA 14 – Foto com a marcação da Secretaria Municipal de Habitação (SMH).....	41
FIGURA 15 – Faixa etária dos entrevistados que responderam sim	43
FIGURA 16 – Total dos entrevistados.....	43
FIGURA 17 – Quantidade de entrevistados que responderam sim do Cantagalo Pavão-Pavãozinho.....	44
FIGURA 18 – Quantidade. de entrevistados que responderam não do Cantagalo Pavão-Pavãozinho.....	44

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – Entrevista com Empresa Reserva.....	65
ANEXO 2 – Entrevista com moradores do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho	67
ANEXO 3 – Entrevista com Empresa KAL	68

SUMÁRIO

Introdução	01
1. A COMUNIDADE E A REALIDADE SÓCIO-CULTURAL	05
1.1. Um contexto histórico do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho	05
1.2. A chegada das Unidades de Polícia Pacificadora e seus impactos	15
2. MUF: O MUSEU DE FAVELA	19
2.1. Um panorama sobre a história do MUF.....	19
2.2. O MUF e suas propostas	24
2.2.1. CineMUF	28
2.2.2. Exposições itinerantes.....	29
2.2.3. RedesMUF	30
2.2.4. O circuito das Casas-tela.....	31
2.3. A relação entre o MUF e os moradores	37
3. MUSEUS EM FAVELA E A MUSEOLOGIA SOCIAL	48
3.1.O que é museologia social e como o MUF se propõe como museu	48
3.2. MUF e Museu a Céu Aberto do Morro da Providência: iluminando reflexões sobre museus nas favelas.....	53
Considerações Finais	57
Referências Bibliográficas	59
Anexos	65

INTRODUÇÃO

*"Um povo só preserva aquilo que ama!
Um povo só ama aquilo que conhece!"¹*

O início desse estudo ocorreu na aula de Projeto Cultural II, ministrada pela professora Aline Portilho. Foi nessa aula que houve o interesse pelo tema deste trabalho, despertado de um modo indescritível. Foram apresentados dois museus: o Museu de Favela e o Museu da Maré. Diante disto, havia a necessidade de escolha entre um deles e a elaboração de uma análise dos seus diversos aspectos sociais e culturais, tanto como o desenvolvimento de um trabalho para a melhoria de uma demanda específica. A opção escolhida pela turma foi o Museu de Favela e durante o desenvolvimento da pesquisa houve o interesse pela ideia de museu de território. Como seria esse museu? Como seria a experiência de adentrar a favela e escutar a sua biografia? O visitante estaria no local onde todas aquelas histórias ocorreram e não somente olhando um objeto ou uma fotografia que retrate o momento e o local, o que lembra Pollak quando este cita que: “Nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões são [...] de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores” (POLLAK, 1989, p. 9).

Seguindo essa perspectiva, houve o interesse de estudar e analisar a relação entre o Museu de Favela – MUF e os moradores do Complexo de favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo onde este se localiza; verificar se a proposta dessa instituição é posta em prática, se a comunidade² interage com ela e quais os impactos que o MUF traz para aquele grupo social. Portanto, mesmo após as intempéries enfrentadas e a troca de vivências por meio do trabalho de campo, este trabalho apresenta uma experiência de análise da relação entre o Museu de Favela – MUF e os moradores.

A busca por informações foi bastante complexa, com os problemas habituais de uma pesquisa de campo: a entrada no campo, as entrevistas com os moradores, a falta de traquejo na abordagem. O ideal seria fazer uma aproximação ou ter um distanciamento dos entrevistados? Ao longo das entrevistas um novo mundo foi se abrindo, um universo de becos e vielas, novas

¹ Disponível em: <http://www.quarteirao.com.br/>. Acesso em: 02 Jan. 2013

² Nesta dissertação utilizarei os termos comunidade, morro e favela como sinônimos, da mesma forma que os moradores do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho.

linguagens corporais, novos signos e códigos; fora os novos relacionamentos criados através do afeto de alguns entrevistados. Dessa forma percebeu-se que o melhor seria aproximação, pois essa fazia com que os entrevistados se sentissem seguros para explicar suas opiniões.

Nesses caminhos por dentro da comunidade somados aos conhecimentos adquiridos ao longo do curso de produção em cultural, surgiram algumas questões como: O que é ser uma produtora cultural? Como relacionar os conhecimentos obtidos durante a graduação com o trabalho de conclusão? Como será o futuro profissional? A produção cultural estaria presente no território do Cantagalo Pavão-Pavãozinho, por exemplo, nas diversas atividades desenvolvidas por ONGs em projetos culturais? Haveria a expressão da cultura local através da geração de aparatos de arte na comunidade, ou ainda pela escola de samba Alegria da Zona Sul? O produtor cultural é importante, já que faz a mediação por meio da ação cultural, que nada mais é do que o “processo de invenção e construção conjunta, entre mediadores e público, dos fins e meios culturais visados, não raro definidos apenas no decorrer do próprio processo. Políticas culturais que respeitam os interesses dos indivíduos, públicos e comunidades” (COELHO, 1997, 174).

O produtor cultural pode atuar em diversas áreas entre elas estão: produção de artistas, comunicação, economia criativa, educação, entretenimento, formação de plateia, formação de público e a gestão de espaços culturais como um museu, por exemplo. O papel desse profissional é desenvolvido por alguns integrantes do MUF, assim como algumas lideranças da comunidade, embora estes não sejam produtores culturais. Um exemplo claro é o papel de Kátia Loureiro³, que é uma das sócios-fundadoras do MUF e que faz o papel de produtora ao desenvolver projetos e inscrevê-los em editais para que a ideia possa ter capital para ser desenvolvida.

O objetivo desse trabalho é apontar e caracterizar a relação entre o MUF e os moradores, e quais são os meios utilizados pelo museu para que isso aconteça, além de analisar o conceito de museologia social segundo Fernando Moreira (2007).

Visando responder essas questões, elegeu-se como metodologia: pesquisas de campo que foram compostas por entrevistas semi-estruturadas com seis sócios-fundadores do MUF – Valdete Viana dos Santos, Marli Melo, Carlos Esquivel (Acme), Antônia Ferreira Soares, Rita de Cássia e Sydney Silva, sendo somente esses três últimos os participantes ativos da diretoria atual

³Kátia Amaral Loureiro, Engenheira-Arquiteta pela Universidade Federal de Minas Gerais, especialista em Planejamento e Uso do Solo Urbano (UFPE/UFS), mestre em Ciência e Tecnologia Ambiental (UNIVALI/Santa Catarina). Ex-empresária, sócia-fundadora.e atual diretora administrativa-financeira do MUF.

do Museu de Favela. Incluem-se também a observação participante em dois eventos do MUF: o Morro Acima e a Brinquedoteca; entrevistas com os moradores e um diário de campo de observações e relatos informais de alguns moradores. Foram também utilizadas fontes textuais, como os Jornais Informativos do Museu de Favela e o livro Circuito das Casas-Tela, caminhos de vida no Museu de Favela lançado em dezembro de 2012. Para obter informações mais recentes sobre o Museu de Favela e a sua atuação, foi feito o acompanhamento constante da sua página na internet e de redes sociais, onde são postados os eventos.

No que tange referencial teórico foram selecionados textos, teses, livros sobre os temas: museologia social segundo Mário Moutinho(1993) e Fernando Moreira (2007), memória e poder, e museu tradicional segundo Mário Chagas (2000 e 2003) e Hugues Varine (2005), identidade segundo Stuart Hall (2006) e Bauman (2003 e 2005), turismo em favela e patrimonialização segundo Bianca Freire-Medeiros (2006, 2007 e 2009), Palloma. Valle Menezes(2008) e Camila Maria dos Santos Moraes (2010 e 2011), entre outros.

Para alcançar os objetivos propostos, o presente trabalho foi estruturado nos seguintes capítulos: o primeiro faz uma breve história do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, a fim de apresentar em qual espaço o Museu de Favela está situado, usando como base o texto de Eber Pires Marzulo (2005), que fez um estudo de caso da Favela Pavão-Pavãozinho. Para conhecer mais da comunidade, entrevistou-se o Sr. Bezerra, presidente da Associação de Moradores do Cantagalo, e Dona Alzira, presidente da Associação de Moradores do Pavão-Pavãozinho.

O segundo capítulo apresenta um panorama sobre o Museu de Favela, contando a história de sua formação com a participação da empresa KAL, do PAC e dos líderes comunitários do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho. Apesar, de o MUF ter sido criado com apoio do Estado, esse amparo se deu apenas na criação e no desenvolvimento do processo de institucionalização. Hoje em dia ele se mantém através de projetos, editais públicos e parcerias. Sendo assim, esse Museu/ONG não funciona como os museus tradicionais, que contam com apoio e verbas regulares para sustentação. Também apresenta o que o MUF propõe ou se sugere a fazer dentro da comunidade que está inserido a partir dos relatos/entrevistas com os diretores/sócio-fundadores do MUF, do jornal informativo - Museu de Favela - e do site. O tópico O MUF e suas propostas busca realizar uma análise de alguns dos diversos programas que o MUF desenvolve, como a Brinquedoteca, o Circuito Casas-Tela, que é o carro-chefe do museu, e a distribuição de ingressos para peças teatrais e cinemas. Essa análise foi feita através da observação participante,

entrevistas, do jornal informativo - Museu de Favela - e pelas mídias sociais. Por fim, apresento o tópico O MUF e os moradores, que teve como objetivo averiguar como é a relação desses com as propostas desenvolvidas pelo MUF. Para isso foram feitas entrevistas com os moradores do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho e com os diretores do MUF.

O terceiro e último capítulo propõe uma análise dos conceitos de museu, museologia social, museu de território e a terminologia adequada ao MUF segundo esses conceitos e segundo os sócio-fundadores. Também se propõe a fazer uma comparação entre o Museu a Céu Aberto da Providência para pensar outra experiência de museu em favela que dialoga com a museologia social que, entretanto não teve continuidade.

CAPÍTULO 1

A COMUNIDADE E A REALIDADE SÓCIO-CULTURAL

1.1. UM CONTEXTO HISTÓRICO DO CANTAGALO E PAVÃO-PAVÃOZINHO

Território não é só terra nem só homem, é a vida das pessoas enraizadas num lugar⁴.

O complexo do Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, fica localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro, área privilegiada com vista para o mar e próximo de bairros de classe média alta como Ipanema e Copacabana. Esse território é dividido em 10 subterritórios⁵—embora o morro todo seja chamado de Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, há uma divisão dentro desse território feito pelos moradores, como se o morro fosse dividido em bairros. Assim como é na cidade, existindo as áreas elitizadas da favela e as áreas mais pobres, ao menos em termos das condições de moradia —, essas regiões são chamadas de Nova Brasília, Buraco Quente, Quebra Braço, Terreirão, Cantagalo (Caixa e Igrejinha), Pavãozinho, Pavão, Serafim, Caranguejo e Vietnã, com população estimada em 10.338 habitantes⁶. Esses nomes, como citado no livro *Circuito Casas-Tela*, foram dados pelos próprios moradores:

Serafim tem esse nome por conta do Hotel Serafim, o Vietnã porque seus ocupantes chegaram muito pobres e meio esfarrapados, pareciam voltar da Guerra do Vietnã, Caranguejo lá no alto, porque começar a vida ali era (e ainda é) tão penoso que parecia que se andava para trás, tal um caranguejo; Quebra-Braço porque muita gente se acidenta nessa ocupação, de cima das lajes e nas pirambeiras, Caixa d'Água por motivo do reservatório da CEDAE, Nova Brasília, porque [...] Juntas, as minhas dez partes, formamos a rica diversidade dos modos de vida, tesouro de patrimônio cultural e de memórias. (PINTO; SILVA; LOUREIRO. 2012, p.29).

⁴ PINTO; Rita de Cássia.; SILVA, Carlos Esquivel G. da; LOUREIRO, Kátia A. S. *Circuito das Casas-Tela, caminhos de vida no Museu de Favela*. Rio de Janeiro: 1. Ed. , 2012, p.33.

⁵ SILVA, Sidney. *Museu de Favela: desafios de ressignificação de um território através da cultura local*. Rio de Janeiro: INAE, 2012, p.7.

⁶ Estimativa fornecida pelo site oficial das Unidades de Polícia Pacificadora. Disponível em: <http://uppsocial.org/territorios/pavao-pavaozinho-cantagalo/> Acesso em: 01. Dez. 2012.



FIGURA 1 – Mapa do Cantagalo, Pavão-Pavãozinho e seus subterritórios. Imagem extraída do livro Circuito das Casas-Tela, caminhos de vida no Museu de Favela, feita por ACME.

A história do Cantagalo começou antes do Pavão-Pavãozinho no início do século XX quando os primeiros moradores construíram as suas habitações na encosta do morro devido principalmente à proximidade do local de trabalho, usando esta como solução à falta de recursos financeiros. O nome Cantagalo, segundo o Sr. Luiz Bezerra do Nascimento⁷, 68 anos, mais conhecido como Bezerra, se originou por causa do “pessoal que criava galinha e criava muito galo, e o galo cantava, aí o pessoal lá embaixo ‘botou’ o nome de Cantagalo, local que só canta galo, aí ‘botaram’ esse nome”.

O morro do Cantagalo é voltado para Ipanema e possui três entradas: uma pela Rua Barão da Torre, outra pela Rua Antônio Parreira e a mais usual, que é pelo elevador que leva até

⁷Presidente da Associação de Moradores do Cantagalo e morador da comunidade. Entrevista concedida no dia 15 Dez. 2012.

o Mirante da Paz. Ao longo do século XX, vários morros da cidade do Rio de Janeiro foram sendo ocupados, assim como o Cantagalo. O aumento dessa população se deu na década de 1940 com a chegada de migrantes de Minas Gerais e do interior do estado do Rio de Janeiro.

“Foram chegando, foram chegando, os homens e suas famílias, não paravam de chegar; seus barracos [...] com essa gente disposta e trabalhadora” (PINTO; SILVA; LOUREIRO. 2012 p. 33). As primeiras casas eram feitas de madeira e a vida era muito precária, não existia luz e nem água. Ainda hoje, é comum encontrar moradores que vivem na comunidade desde sua fundação. Na entrevista com o Sr. Bezerra, por exemplo, ele diz: “Eu vi carregar lata de água quando não tinha água, bico de luz. Eu peguei quase do começo, a favela é o seguinte: ela tem mais de 100 anos”⁸.

Por volta dos anos de 1960 a 1965, durante a gestão de Carlos Lacerda na prefeitura do Rio de Janeiro, as famílias que lá se estabeleceram começaram a temer a política de remoção das favelas que tinha como proposta “uma reformulação completa da política habitacional no Rio. Seu objetivo era levar os pobres para a periferia, nos mesmos moldes do que acontecia nas principais cidades da Europa e Estados Unidos”⁹. Essa política de remoção de Carlos Lacerda, retomada discursivamente no início do século XXI, baseia-se em “discursos inflamados contra a decadência econômica, social e moral da cidade supostamente ocorrida em virtude do crescimento das favelas” (MATTOS, 2010, p. 01)¹⁰, pressupostos usados hoje com a desculpa de melhoria da cidade para Copa de 2014 e Olimpíadas de 2016 transferindo os moradores do seu local de habitação para um outro mais distante.

Atualmente essa temática é muito presente na mídia fluminense, como por exemplo, constata-se no trecho abaixo do Portal O Globo, do dia 20 de Novembro de 2011.

O processo de remoção de famílias e demolição de casas para as obras da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro gera polêmica. De um lado, moradores que terão que deixar suas residências para a realização de novos projetos afirmam que não foram devidamente avisados sobre as

⁸ Ibidem.

⁹ Texto de autoria de Marcelo Monteiro. Disponível em: http://www.favelatemmemoria.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=21&infoid=8&sid=7/ Acesso em: 23 Fev. 2013.

¹⁰ MATTOS, R. C. Carlos Lacerda X Leonel Brizola: a volta da campanha pela remoção de favelas na imprensa carioca do século XXI. In: VI Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura, 2010, São Cristovão. Anais do VI Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura, 2010. p. 01-11.

mudanças e reclamam das soluções propostas. Do outro, a prefeitura alega que tenta reverter um quadro de déficit habitacional¹¹.

Retomando a década de 1960 foi decretada a proibição da construção de casas de tijolo na comunidade para que fosse mais fácil uma futura remoção, como foi feito com a favela da Catacumba. Embora a proposta de Carlos Lacerda fosse a retirada dos moradores de favela da Zona Sul do Rio, ocorreu uma ação oposta, já que muitos desses moradores, ao invés de irem para bairros distantes, se mudaram para outros morros. Foi o caso do Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, “conforme os relatos, muitas famílias chegaram à favela vinda de outras situadas na zona sul que estavam sendo removidas para conjuntos habitacionais na zona oeste” (MARZULO, 2005, p. 149).

Foi em 1980 com o governo de Leonel Brizola, que começou a acontecer uma transformação na política de urbanização da favela:

Pavão-Pavãozinho e Cantagalo onde o programa de regularização fundiária Cada Família um Lote teve sua implantação mais completa, pois além da regularização de muitos lotes foram realizadas obras de infra-estrutura e instalação de equipamentos [...] invertendo completamente a dinâmica das ações realizadas pelo Estado, em seu diferentes níveis, nas favelas até então, ao romper com a política de remoção das populações para conjuntos habitacionais construídos na periferia da cidade e criar as condições para a sua permanência”. (Ibidem, 2005, p.152)

Entre os anos de 1982 e 1986 as casas começaram a tomar sua forma. Porém, isso não se deu por meio das leis existentes, mas sim, nos termos de Roberto Da Matta (1986), pelo “jeitinho brasileiro” – tal termo representa uma forma pacífica e legítima de resolver problemas, desobedecendo as regras e conciliando todos os interesses, e o malandro é o profissional desse jeitinho e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis. Os materiais de construção para as casas eram conseguidos com tal “jeitinho”, como relata Marzulo:

A articulação da ocupação da favela [...] e consequente intensificação da presença da construção civil [...] não se limitava apenas à oferta de trabalho, mas também à própria incrementação da ocupação, na medida em que os trabalhadores da construção civil, através de relações diretas ou indiretas com os moradores do morro, ajudavam no fornecimento de material de construção retirado das obras [...] As melhorias e mesmo a construção de muitos

¹¹Notícia de autoria de Carolina Lauriano. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/08/remocao-de-familias-para-obras-da-copa-e-das-olimpiadas-gera-polemica.html>. Acesso em: 23 Fev. 2013.

barracos dependeram, então, do acesso ao material de construção que sobrava após o término das obras de edificação dos prédios no bairro, ofertado pelos trabalhadores aos moradores, através de relações constituidoras de redes de sociabilidade cujos vínculos se intensificavam, a partir dessas práticas. (MARZULO, 2005, p.148)

Era através das sobras das construções que aconteciam no “asfalto”¹² que os moradores conseguiam dar continuidade à construção das suas próprias casas. Além disso, havia o gesto de ajuda do vizinho para “virar a laje”, fortalecendo o vínculo de amizade e de formação de comunidade dentro do morro. Esse gesto é muito comentado pelos moradores nas entrevistas, que alegam que hoje em dia não conhecem mais quem mora ao seu lado, e que aquele clima de que o morro era uma família está se perdendo a cada dia.

A composição do Pavão-Pavãozinho é bastante rica e diversificada, pois desde 1960 houve um grande fluxo de nordestinos chegando a essa região na busca por melhores condições de vida. O que diferencia o Pavão-Pavãozinho do Cantagalo é que este último é composto por famílias fluminenses vindas do interior do Rio de Janeiro ou ainda de Minas Gerais, remetendo a uma composição de cunho menos prejudicada pelo senso comum, enquanto os moradores do Pavão-Pavãozinho têm o estigma do nordestino retirante. Essa diferença foi observada durante a pesquisa de campo, pelo discurso apresentado nas entrevistas. Também pode ser observada na música, enquanto no Cantagalo se escuta mais *hip-hop*, *funk* e *rap*, no Pavão-Pavãozinho o que se destaca é o forró. Segundo Marzulo (2005, p.147), “o início da ocupação do Morro do Pavão e formação da favela do Pavão-Pavãozinho remonta aos anos 1930”. Os moradores do Pavão-Pavãozinho são descendentes dos estados da região nordeste do Brasil “em especial Alagoas, Ceará, Paraíba e Sergipe, mas também Rio Grande do Norte e Piauí. Nomeados todos, jocosamente, em um jogo ambíguo e muitas vezes de auto-ironia, de paraíbas” (MARZULO, 2005, p. 141). Seu João, que veio do Ceará é um exemplo claro desta formação do território e das redes que são feitas na comunidade. Dono do salão de cabeleireiro “Os Irmãos” que fica em frente à Associação de Moradores do Pavão-Pavãozinho, possui mais de 20 familiares dentro da favela e outro salão chamado “As Irmãs” que também só trabalham parentes.

¹²A palavra “asfalto” é costumeiramente usada pelos moradores para definir aquilo que não é do morro, quem não mora no morro. e neste trabalho será adotada com o mesmo sentido.

Na divisa entre Cantagalo e Pavão-Pavãozinho existe o bar do seu Expedito, que foi citado nas entrevistas pelos moradores como um dos pontos dentro do morro para o lazer¹³. Além desse, existe também um local muito citado pelos moradores como referencial para lazer, a quadra conhecida como Alegria da Zona Sul, onde as pessoas se encontram para dançar e escutar música. A quadra é um dos lugares de manifestação cultural na comunidade, e não tem sido utilizado pelos moradores desde a entrada da UPP, o que tem ocorrido também em outros morros do Rio de Janeiro que passaram por esse processo. De acordo com relatos da pesquisadora Tatiana Bastos, com a política de pacificação e a Resolução 013¹⁴, os bailes foram suspensos pelo capitão Senna por um longo tempo. Durante o período de realização do trabalho de campo, a quadra Alegria da Zona Sul não estava funcionando, pois seria reformada. No entanto, a UPP do Cantagalo, Pavão-Pavãozinho está sob novo comando e ainda não se sabe ao certo a postura do novo Major.

O Pavão-Pavãozinho fica localizado no morro voltado para Copacabana e possui três entradas de acesso: uma a partir da Rua Sá Ferreira, nº 76, onde tem o “Estilo Bar” e na frente à ladeira da Rua Saint Roman, a segunda é uma escadaria próxima ao nº 98 na Rua Sá Ferreira, e a última na escadaria da Rua Saint Roman altura do nº 208.

¹³ Lazer, segundo o Dicionário Crítico de Política Cultural de Teixeira Coelho, é o “conteúdo do tempo orientado para a realização pessoal como fim último”. (COELHO, 1997, p.226) Segundo a obra, “o lazer não se marca por um tipo definido ou privilegiado de atividade; pode abranger práticas culturais ou de relacionamento social, comportar atividades esportivas ou de trabalho manual e pode também ser entendido como comportamento ativo (participação num grupo de teatro amador) ou passivo (frequência a cinemas, exposições, etc.), como culto do corpo (ginástica) tanto quanto culto do espírito”. (COELHO, 1997, p.227)

¹⁴ A Resolução 013 trata-se de um artigo da Secretaria de Segurança Pública que solicita a autorização prévia para a realização de eventos artísticos, sociais e desportivos na região do Rio de Janeiro. A resolução na íntegra está disponível em: <https://s3.amazonaws.com/meu-rio-production/Resolucao+SESEG+013++23.01.2007++atuac%CC%A7a%CC%83o+o%CC%81rga%CC%83os+de+Seguranc%CC%A7a+em+eventos+divertimento+pu%CC%81blic+o.pdf>. Acesso em: 24 Fev. 2013.



FIGURA 2 - Visão do Pavão-Pavãozinho, por Tabita Bastos.

Atualmente, o plano inclinado, que foi criado por Leonel Brizola em 1983 no local onde houve um acidente grave em que, sob forte temporal, uma caixa d'água desmoronou de cima do morro matando treze pessoas, é a entrada mais importante daquele local, pois facilita o acesso dos idosos, portadores de deficiência e das grávidas. Auxilia também na retirada do lixo das partes mais altas do morro, pois ele é feito de dois compartimentos, um para os passageiros e outro para carga.

O nome de Pavão-Pavãozinho, segundo relatos de Dona Alzira¹⁵ – presidente da Associação de Moradores Pavão-Pavãozinho desde 2009 – foi escolhido:

Porque aqui no Pavão-Pavãozinho tinha um homem que era colecionador de Pavão e lá no Cantagalo tinha um colecionador de galo, então eles colocavam para brigar, disputavam dinheiro e tudo, e como o Pavãozinho é menor que o Pavão, o Pavão é maior, decidiram colocar Pavão e Pavãozinho.

¹⁵ Entrevista realizada no dia 14 de Janeiro de 2013.

Entre outras curiosidades encontradas no território uma que foi descoberta através das entrevistas permitiram apontar indícios da existência de uma rivalidade entre os dois morros, principalmente por uma separação informal imposta, atribuída à atuação dos grupos de traficantes de drogas, que atuavam na localidade e não pertenciam à mesma facção criminosa.

Isso se deu devido à briga entre o poder paralelo, que há um tempo dividiu o morro em dois lados, essa divisão acontecia onde hoje fica a Lotérica na Estrada do Cantagalo, a divisão acontecia; o lado do Pavão-Pavãozinho, Comando Vermelho e o lado do Cantagalo Terceiro Comando, mas há mais ou menos vinte anos atrás essa divisão foi desfeita, pois o Comando Vermelho tomou os dois lados.¹⁶

Dona Alzira, em sua entrevista, ratificou essa ideia:

Havia uma rixa entre os moradores do Galo e do Pavão. Quando eu vim pra cá, nós já não passávamos para lá e se tivéssemos uma amizade, tinha que ser na rua, eu creio que deve ter sido por causa de facção, tinha um muro onde depois fizeram uma escada, que separava a comunidade, ninguém podia passar de lá para cá. Depois que acabou isso, que desmancharam o muro.

É mais ou menos onde ficava esse muro segundo os moradores na Estrada do Cantagalo, na altura de onde fica atualmente a Casa Lotérica, que se faz a junção ou divisão entre o Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. Mas isso não é algo consensual para os moradores, assim como todas as outras divisões dentro da favela.

Dona Antônia, que foi o principal contato para entrada nesse território, é moradora do Pavão-Pavãozinho há 36 anos, e assim como a maioria dos moradores dessa área ela também veio da Região Nordeste do país, especificamente do Maranhão. Logo no primeiro dia de entrevista com Dona Antônia, foi possível realizar uma pesquisa e fundamentação sobre o Museu de Favela e sobre a RedesMUF, da qual ela é a Diretora.

No que diz respeito a todo o território do Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, ele abriga o Complexo Rubem Braga, que aglomera diversas Instituições como: o Espaço Criança Esperança, da Rede Globo; o Afro-Reggae; o projeto Dançando para não Dançar; o Centro Integrado de Educação Pública Presidente João Goulart, entre outros. O local que abriga essas instituições não surgiram de uma iniciativa de implantação de trabalhos sociais na comunidade, mas sim através de uma ideia, na década de 60 do século passado, de construção do Panorama Pálace Hotel; algo

¹⁶ Relatos de um morador da comunidade, obtidos em uma conversa informal.

que não deu certo, dando então origem ao abrigo dessas iniciativas que hoje são de extrema importância para o desenvolvimento social e cultural da comunidade.

O território possui três escolas: o Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Presidente João Goulart, que fica no Cantagalo, inaugurado no governo de Leonel Brizola; o Solar Meninos de Luz, que fica na divisa entre Cantagalo e Pavão; e a creche escola Lar de Pierina, que está localizado na ladeira Saint Roman. O local possui também um posto de saúde do Serviço Social da Indústria (SESI), a Clínica da Família Sebastião Theodoro, o Postinho Haroldo Santos e 34 Organizações Não-Governamentais (ONGs).

Comunidades	População	Domicílios
Fonte: Instituto Pereira Passos, com base em IBGE, Censo Demográfico (2010).		
Pavão-Pavãozinho	5,567	1,923
Morro do Cantagalo	4,771	1,585
Total	10,338	3,508

FIGURA 3 – Dados demográficos: população e domicílio das comunidades. Dados retirados do site <http://www.uppsocial.org/territorios/pavao-pavaozinho-cantagalo/> Acesso em: 02 de Fev. 2013.

Comunidades	Água	Esgoto	Lixo	Condição de Ocupação	Educação
Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2010					
	Abastecimento de água adequado (%)	Esgotamento sanitário adequado (%)	Coleta de lixo (%)	Condição de ocupação (% de domicílios próprios)	Analfabetos entre moradores maiores de 15 anos (%)
Pavão-Pavãozinho	99,6	99,4	99,9	54	7,1
Morro do Cantagalo	98,6	98,9	99,9	6	

FIGURA 4 – Indicadores Socioeconômicos. Dados retirados do site <http://www.uppsocial.org/territorios/pavao-pavaozinho-cantagalo/>. Acesso em: 02 de Fev. 2013.

Segue abaixo mais alguns dados socioeconômicos, renda familiar, educação e cultura do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho retirados da Pesquisa nas Favelas com Unidades de Polícia Pacificadora da Cidade do Rio de Janeiro, feita pelo Sistema Firjan de Outubro 2010, com nove comunidades: Cidade de Deus, Ladeira dos Tabajaras, Providência, Pavão-Pavãozinho, Santa Marta, Batam, Babilônia, Chapéu Mangueira e Cantagalo.

No quadro sobre renda domiciliar, a comunidade do Cantagalo possui renda média de R\$ 612,15, enquanto no Pavão-Pavãozinho, o valor sobe para R\$ 691,30. A renda média do Pavão-Pavãozinho é a mais alta entre as comunidades presentes na pesquisa, devido às ofertas de emprego abundante nos bairros vizinhos ao morro como: Copacabana e Ipanema, um fator determinando para o alto valor da renda comparado com os outros morros citados na pesquisa.

No quadro sobre educação a porcentagem de crianças e jovens que frequentam a escola é de 69,2% de 0 a 6 anos, 99,4% de 7 a 14 anos e 80,3% de 15 a 18 anos. Enquanto que no Pavão-Pavãozinho é de 63,1% de 0 a 6 anos, de 97,5% de 7 a 14 anos e 63,1% de 15 a 18 anos. A escolaridade média das pessoas com 25 ou mais, no Cantagalo, é de 6,4 anos de estudo. Já no Pavão-Pavãozinho, 5,9 anos de estudo.

Além das 34 ONGs que oferecem múltiplos serviços voltados para cultura, os bairros vizinhos ao morro são ricos de estabelecimentos culturais e eventos, por isso a participação dos moradores nesses espaços é grande, conforme o quadro sobre cultura. Embora esse quadro mostre que os espaços culturais sejam pouco utilizados pela população das comunidades, a do Cantagalo e do Pavão-Pavãozinho são as que mais os frequentam, pois nota-se uma amostra demonstrativa significativa em todas as atividades descritas no quadro, que são: museus ou galerias com exposição de artes plásticas, clubes e associações recreativas, espetáculos de dança, biblioteca, cinemas, parques ou praças, teatro, música e eventos esportivos.

Lançando mão destes dados preliminares, já foi possível constatar que aquilo que se pensa ser um único morro, o Complexo do Cantagalo Pavão-Pavãozinho, como por exemplo, descrito no site da UPP, ou mesmo pela representação que se faz desse território no asfalto, não existe para seus moradores. Observa-se que existe na verdade uma divisão imaginária e discursiva daqueles que moram no Cantagalo e dos que moram no Pavão-Pavãozinho, o que é corroborado pela existência de diferentes Associações de Moradores para os dois morros. Neste âmbito, cabe ressaltar, como afirma Stuart Hall (2006, p. 11), que “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade”. A identidade é também construída em relação ao território a

partir de uma relação de pertencimento ao longo do tempo. Deste modo, pode-se observar que esses moradores sentem-se parte do espaço onde vivem, em uma dimensão cultural, simbólica e identitária. Pois os “sentidos com os quais podemos nos identificar constroem nossas identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas [...] memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (Ibidem, 2006, p. 51).

Pode-se apontar ainda que internamente o Complexo do Cantagalo Pavão-Pavãozinho pode não existir. Essa união feita no asfalto e contestada pelos moradores das duas comunidades apagaria as diferenças culturais presentes nesse território, diferenças constituídas seja pela formação originária dos moradores ou pela experiência cotidiana partilhada dos últimos 70 anos.

1.2. A CHEGADA DAS UNIDADES DE POLÍCIA PACIFICADORA E SEUS IMPACTOS

Outra instituição que trouxe impactos para essa comunidade foi a Polícia através da entrada das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) que, pela perspectiva do poder público, teve sua criação devido ao aumento da violência de uma forma exorbitante. Essa violência estava acontecendo por meio de narcotraficantes que subjugavam a população de favelas e bairros inteiros pela cidade. Em vista disso a Secretaria de Segurança Pública fez o Programa das UPPs com a função de “resgatar” esses territórios das favelas do Rio de Janeiro, segundo o site do Governo do Rio:

A Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) é um dos mais importantes programas de Segurança Pública realizado no Brasil nas últimas décadas. Implantado pela Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, no fim de 2008, o Programa das UPPs é planejado e coordenado pela Subsecretaria de Planejamento e Integração Operacional. O Programa das UPPs foi elaborado com os princípios da polícia de proximidade, um conceito que vai além da polícia comunitária e tem sua estratégia fundamentada na parceria entre a população e as instituições da área de Segurança Pública.¹⁷

Já para alguns moradores, a entrada da UPP no morro se deu pela falta de controle do poder público sobre os traficantes; fato que atingia não só aos habitantes do Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, mas como nos bairros de classe média-alta próximos. Durante a pesquisa de campo, em uma entrevista com habitantes da comunidade, uma moradora afirma:

¹⁷ Disponível em: <http://www.rj.gov.br/web/seseg/exibeconteudo?article-id=1349728/> Acesso em: 13 Fev. 2013.

[...] meu pensamento é que eles só colocaram pacificação depois que saiu do controle deles, das classes mais altas da sociedade, porque enquanto o pobre está matando pobre tudo bem, mas quando começa a incomodar o rico, vamos mudar. Sai à força armada do trafico e entra a da polícia. (Diário de Campo)

A ideia das UPPs é trabalhar com uma polícia que se relacione com a comunidade como pode ser visto hoje em dia pelo blog <http://www.blogdapacificacao.com.br/>. Sua implantação tinha um caráter inovador, pois depois de “resgatar” a comunidade da violência, acontecia o processo de ocupação por policiais. No dia 23 de dezembro de 2009, foi inaugurada a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, sendo esta a quinta no total de 28 UPPs implantadas nos morros do Rio de Janeiro até o ano de 2013.

A entrada da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no Cantagalo, Pavão-Pavãozinho teve desdobramentos culturais, sociais e econômicos. A partir de sua implantação foram realizadas melhorias como: regularização de água, luz e implantação de bancos.

Um desdobramento a ser destacado decorrente das intervenções do governo na comunidade é que em razão da:

Realização de melhorias nas favelas acaba por gerar, em nosso sistema capitalista neoliberal, uma valorização dos imóveis, o que atrai a especulação imobiliária e gera uma expulsão velada [gentrificação] de parte dos moradores que permaneceram nas favelas. Aos poucos, a população favelada vai sendo substituída por outra, de poder aquisitivo um pouco maior, o que faz com que a pobreza se movimente pelo espaço urbano da metrópole, mas não melhora de fato sua condição.¹⁸ (CANEDO, 2012, p.47)

Outro importante desdobramento foi que à entrada da Polícia através da UPP não foi bem recebida por todos os moradores em razão de: a falta de treinamento adequado para lidar com a população; a visão da policial como alguém que entra no morro somente para “matar”, que não respeitava os moradores, entre outros.

Embora a UPP tenha trago alguns impactos negativos para a comunidade quando se trata do turismo a UPP trouxe muitos benefícios. O turismo na favela já existia, mesmo em meio à precariedade na infraestrutura do morro e da atuação eminente do narcotráfico, o interesse dos turistas em conhecer a favela não é recente. Freire-Medeiros (2006, p. 5), explica esse interesse

¹⁸Refere-se ao processo de gentrificação ou expulsão branca na qual os moradores não conseguem mais arcar com os preços elevados que aquele local passa a ter. Pude perceber esse processo durante meu trabalho de campo, os moradores reclamavam da alta nos aluguéis e como os imóveis estavam sendo vendidos por valores exorbitantes dentro da comunidade.

dos turistas por lugares associados ao sofrimento, pobreza e violência não é um fenômeno novo. Porém, o que parece ser singular na experiência atual é a sua diversidade e popularidade. Os turistas procuram cada vez mais experiências diferentes daquelas convencionais no turismo, buscam por novas experiências, que provoquem neles sentimentos e sensações novas, que não experimentam na sua vida cotidiana.

A favela que é elaborada e vendida como atração turística leva ao paroxismo as premissas dos reality tours: ao mesmo tempo em que permite engajamento altruísta e politicamente correto diante da paisagem social, motiva um sentimento de aventura e de deslumbramento diante da paisagem física. É a experiência do *autêntico*, do *exótico* e do *risco* em um único lugar. (FREIRE-MEDEIROS, 2006, p.5).

As favelas atualmente passam por um processo de elaboração, venda e consumo das mesmas como atração turística. Elas são vistas como lugar de violência ao mesmo tempo em que são locais de solidariedade e “autenticidades preservadas. É a partir destes atributos simbólicos, [...] que podem ser investidos diferentes ansiedades e desejos, que a favela é elaborada, vendida e consumida como destino turístico” (ibidem). Um dos meios utilizados para isso é a indústria midiática.

Conforme citado anteriormente, a prática do turismo nas favelas é antecedente à entrada da UPP, porém este possibilitou o aumento do trânsito de pessoas de fora no território, segundo os moradores e os diretores do MUF. Segundo Rita de Cássia a implantação da UPP no morro trouxe a liberdade da entrada de visitantes e turistas “pelo menos posso falar com clareza, qualquer pessoa vem, qualquer pessoa visita”. Hoje as comunidades começam a ser mais visitadas por não serem mais relacionadas somente a drogas e violência. Os moradores também concordam que com a entrada da UPP, o direito de ir e vir vem sendo reestabelecido, entretanto, as regras de conduta sobre as atividades culturais que eles organizam são extremamente rígidas, haja vista os bailes que ocorriam na quadra Alegria da Zona Sul e agora não acontecem mais.

Em relação ao Museu de Favela, a entrada da UPP trouxe maiores benefícios, pois como será dito a seguir por dois integrantes do MUF, a entrada de turistas não precisa mais ser mediada, o Museu pode ser visitado a qualquer momento. A primeira visita ao Museu de Favela aconteceu no dia 27 de junho de 2009, ou seja, antes da implantação da UPP e teve 60 convidados. Esta primeira visita teve a participação de estudantes, professores da área de Museu, como Mario Chagas, produtores culturais, entre outros. Nessa época, como relatou Rita de

Cássia¹⁹, ainda existia traficante e violência, mas mesmo assim a visitação aconteceu. Segundo a estudante de museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) Júlia Medeiros, que participou dessa visita e relatou ao Jornal do Museu de Favela: “É muito enriquecedor a gente ver que favela tem muita cultura, tem muito que mostrar e quebrar o preconceito das pessoas, que acham que só tem violência ou coisas ruins.” (JORNAL MUF, 2009, nº 2).

Segundo Rita de Cássia:

O MUF existe antes, durante e até se a pacificação sair nos permaneceremos, nosso trabalho está aqui antes da pacificação, então não me afeta, eu enquanto diretora e fundadora, o nosso trabalho sempre permaneceu da mesma maneira, com o mesmo objetivo, com ou sem UPP. Então, não tem que atrelar nada [...] Segurança pública é um direito nosso, só que a nossa demorou muito a chegar [...] Com a UPP só aumentou o número de turistas aqui.

Já segundo Carlos Esquivel²⁰ (ACME) – primeiro presidente do MUF –, ao ser perguntado como funcionava o MUF antes da implantação da UPP, disse que o MUF.

Estava funcionando sem pacificação, a gente ia andando na frente das pessoas que vinham de fora. Eu e Sidney tínhamos mais intimidade com a rapaziada e pedíamos ‘vamos passar com um grupo’, e o pessoal sempre abaixava as armas, escondia as armas e a gente fazia nosso trabalho. A cultura ela não tem barreira, ela quebra qualquer situação [...] Eu acho que sem a pacificação nosso trabalho ficaria limitado, por que muita gente tinha medo de subir o morro e hoje em dia não tem mais. Então hoje a possibilidade aumentou, mas minha confiança não está nisso, minha confiança está em fazer um trabalho bem feito, ter uma boa relação com a comunidade, por que se minha confiança tivesse aí, meu trabalho também dependeria disso, e nunca dependeu. Hoje em dia, eu acho maneiro, porque qualquer um sobe a favela tranquilamente, sabe que não vai ter problema.

Pode-se concluir através das falas tanto dos moradores como dos diretores do MUF que a entrada da UPP no território, para além dos problemas, trouxe o benefício da livre circulação de pessoas dentro da comunidade. Essa melhoria atinge principalmente as atividades desenvolvidas pelo MUF, pois trouxe impactos para as suas ações em relação às visitas e aos eventos.

¹⁹Rita de Cássia Santos Pinto, Diretora Social do MUF, jornalista formada pela Uni Carioca, líder comunitária, locutora e DJ. Entrevista concedida em: 07 Fev. 2013.

²⁰ Carlos Esquivel (ACME) é grafiteiro autodidata, reconhecido não só na favela, mas também no mundo do *graffiti*. Entrevista concedida em: 06 Dez. 2012.

CAPÍTULO 2

MUF: O MUSEU DE FAVELA

2.1. UM PANORAMA SOBRE A HISTÓRIA DO MUF

O Museu de Favela está localizado no Complexo do Cantagalo, Pavão-Pavãozinho contexto citado acima. Por meio do trabalho de campo e das entrevistas pode-se observar a multiplicidade e complexidade existente no território. Apesar de, ao olhar de fora, a favela remeter a algo unificado ou integrado, como citado antes, o que existe são duas favelas: a do Cantagalo, que teve a sua origem com a ocupação de famílias de negros vindos do estado de Minas Gerais e de cidades do interior do próprio Rio de Janeiro, e o Pavão-Pavãozinho, que é ocupado por maioria de pessoas vindas do Nordeste.

No dia 14 de Fevereiro de 2009 foi inaugurado/institucionalizado o Museu de Favela, num evento que aconteceu na quadra da escola de samba Alegria da Zona Sul e contou com a presença de diversas representações políticas e culturais. Nesse mesmo dia também foi anunciado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)²¹ que o MUF se tornaria o primeiro Ponto de Memória do Brasil. Esse programa é uma parceria entre o Programa Mais Cultura, do Ministério da Cultura e do Programa Nacional de Segurança Pública e Cidadania, do Ministério da Justiça

O Programa Pontos de Memória desenvolvido pelo IBRAM tem como proposta apoiar e fomentar iniciativas comunitárias, pois as entende como um instrumento para melhoria de vida da comunidade, redução da pobreza e violência. Essas atuações são feitas por meio de processos comunicacionais, que escolhem aspectos do passado de acordo com as identidades e interesses dos membros de um determinado grupo, através desse trabalho de valorização da memória e identidade local; geram o sentimento de pertencimento e fortalecimento dentro daquela comunidade. Esses laços são gerados pelas tradições locais, que provocam o turismo e uma economia local naquele território.

²¹ O IBRAM tem a função de aumentar e pôr em prática a Política Nacional de Museus, assim como a melhoria e manutenção dos seus serviços. Essa atuação é feita através do fomento de programas, ações, projetos e atividades implementadas para melhoria dos museus.

Os Pontos de Memória são “um programa cujo foco em si é a institucionalização de memórias em periferias e que inclui também, entre tantas outras iniciativas desenvolvidas nos mais diferentes locais, um museu em favela carioca”. (PORTILHO, 2012, p.5).

A iniciativa de fundação do museu, se deu a partir do Programa de Aceleração do Crescimento 1 (PAC)²², que destinou parte dos recursos para o chamado PAC social, que tinha como objetivo o desenvolvimento social do Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, dentro da Base de Inserção Social e Urbana (BISU). Esta ação feita em conjunto com a atuação da comunidade, dos moradores e das lideranças comunitárias locais, que, ao participarem das reuniões do PAC, sugeriram “o desenvolvimento do turismo na região, pois há cerca de 20 anos, segundo um dos sócios-fundadores do Museu, turistas visitam as favelas do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo” (MORAES, 2010, p.110).

Partindo deste diagnóstico, o MUF sugeriu que fosse desenvolvida a atividade turística na região. “Visando atender a solicitação do MUF, a KAL²³ empresa responsável pela Base de Inserção Social e Urbana (BISU) nessas comunidades, elaborou o projeto do ano de 2009 com cursos voltados para o desenvolvimento turístico da região, aliado a valorização da cultura local” (MORAES, 2010 p.110).

Em conjunto com parceiros como o Instituto Brasileiro de Museus, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), entre outros, desenvolveram ações para que fosse possível fomentar o turismo na região. Esse trabalho foi viabilizado com recursos do Prêmio Caixa 2009 – Melhores Práticas em Gestão Local – e Governo do Estado do Rio de Janeiro. Desses recursos financeiros foram separados de 3% a 10% destinados para o PAC social, que tinha como objetivo nesse morro o desenvolvimento do território, através de ações múltiplas e mobilização comunitária, essa ação se deu com a criação do MUF.

A organização para o início dessa mobilização começou a partir da equipe da empresa KAL, que desenvolve trabalhos com consultoria em avaliação e planejamento para o alcance de

²² Criado em 2007, no segundo mandato do presidente Lula (2007-2010), o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) promoveu a retomada do planejamento e execução de grandes obras de infraestrutura social, urbana, logística e energética do país, contribuindo para o seu desenvolvimento acelerado e sustentável. Disponível em: <http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac/> Acesso em 23 Fev. 2013.

²³ KAL empresa que trabalha com arquitetura pública, planejamento urbano e desenvolvimento sustentável, foi fundada em novembro de 2003, sua sigla tem como significado o nome de sua dona Kátia Amaral Loureiro, sócia-fundadora do MUF e atual Diretora Administrativo-Financeira

idades sustentáveis entre eles a requalificação urbana²⁴, esse processo contou com trabalhadores moradores da comunidade que receberam treinamento e com o passar do tempo foram substituindo a equipe técnica do projeto. Com isso funcionários que trabalhavam no PAC 1 foram escolhidos para cargos dentro do Museu de Favela, como é o caso da Valquíria Cabral Guarani, que hoje em dia trabalha como secretária do MUF.

A partir dessas reuniões comunitárias feitas pela KAL no BISU, que surgiu o MUF. Segundo site²⁵ do Museu de Favela, um museu é o lugar de história, memória, lugar para se encontrar a identidade e descobrir de onde veio. O MUF construiu um museu a céu aberto, que conta o surgimento do morro e a história de seus moradores, explorando a diversidade cultural das favelas e desmistificando a ideia de que favela é sinônimo de violência, prostituição e drogas. Dessa forma, valorizando a gama de manifestações culturais expressas no grafite, no samba, nas artes e nas músicas principalmente o samba e o *rap*.

Na terceira edição do Jornal do Museu de Favela, os depoimentos de duas fundadoras do Museu, Rita de Cássia e Kátia Loureiro, explicam a formação da ONG:

A proposta do Museu de Favela que reúne Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, na cidade do Rio de Janeiro, é levar aos espaços de museus tradicionais a cultura e a história das favelas e provocar um novo olhar sobre o papel nas narrativas oficiais da própria história de formação das cidades. O conteúdo da exposição valoriza a saga individual de ilustres moradores da favela, cujos depoimentos sobre o passado contribuem para a compreensão do presente: são histórias de luta e de muita resistência cultural. (JORNAL MUF, 2011, nº 3)

Já segundo Carlos Esquivel (ACME), a ONG tem:

[...] arte, ritmo e dança, rap, coral, bandas, escola de samba, teatro, pipas, artesanato, biscoitinhos, Temos a cultura dos irmãos nordestinos, de negros, até de descendentes de índios. Nossos velhos têm muitas histórias para contar e nossas crianças precisam saber delas. Nossos jovens precisam de alternativas culturais à porta de sua casa, pra terem escolhas no cotidiano da vida em favela. (JORNAL MUF, 2009, nº 2).

A missão do MUF é “transformar o morro de Pavão, Pavãozinho e Cantagalo em monumento carioca da história de formação de favelas, das origens culturais do samba, da cultura dos migrantes mineiro e nordestino, da cultura negra, de artes visuais e de dança.” (SILVA, 2012,

²⁴Disponível em: <http://www.kal.com.br/index.asp>. Acesso em: 01 Dez. 2012.

²⁵Disponível em: <http://www.museudefavela.org/index.php>. Acesso em: 28 Nov. 2012.

p. 6). Os fundadores do MUF formam um grupo de 16 pessoas, 81% das quais residentes na favela-museu²⁶. Percebe-se que esse trabalho é desenvolvido em sua maioria por moradores atuantes das três comunidades que possuem saberes e fazeres diversificados. Segundo o Jornal do Museu de Favela do ano de 2011, o MUF tem:

A ideia de trabalhar de forma a melhorar a vida na favela, para isso eles tem o desafio de conscientizar a população que reside ali, trabalhar a valorização da identidade local. A luta do Museu de Favela é ‘musealizar’ a cultura local, a céu aberto, o que demanda muitas mediações dentro e fora das favelas. (JORNAL MUF, 2011, nº 2).

Esse processo de conscientizar a comunidade como será visto mais adiante é um processo árduo e lento, pois leva tempo para que esses moradores sintam que além de deveres eles também possuem direitos, e que esses direitos podem ser exercidos, como por exemplo, o direito de ir e vir e o direito de expressão tirados dos moradores por tanto tempo de opressão causada pelos anos de violência.

O diferencial de alguns museus como o MUF segundo Chagas (2000, p. 3) é que estes:

[...] buscam transformar-se em equipamentos voltados para o trabalho com o poder da memória. O diferencial, neste caso, não está no reconhecimento do poder da memória, mas sim na colocação desse poder ao serviço do desenvolvimento social, bem como na compreensão teórica e no exercício prático da apropriação da memória e do seu uso como ferramenta de intervenção social. (CHAGAS, 2000, p. 3)

O MUF é apontado e mostrado como diferente de outras ONGs, pois traria de novo a comunidade do Cantagalo, Pavão-Pavãozinho a melhoria do território em sua complexidade e não apenas em um segmento da população. Sendo assim, além de desenvolver trabalhos na área social procuram desenvolver também a identidade da favela.

A primeira governança do MUF era composta de uma diretoria formada pelo presidente Carlos Esquivel (ACME) e vice-presidente Sidney Tartaruga. No ano de 2011 essa estrutura foi mudada e passou a ser composta por um colegiado e a gestão do museu foi dividida em núcleos. Atualmente o MUF possui seis núcleos, sendo a diretora Antônia Soares responsável pelo Núcleo de Rede de Negócios Criativos, que é a RedesMUF; a Diretora de Comunicação, Josy Manhães; a Diretora Administrativo-Financeira, Kátia Loureiro; Diretora Cultural, Márcia Souza; a Diretora

²⁶Dados disponível em: <http://www.museufavela.org/index.php>. Acesso em: 01 Dez. 2012.

Social, Rita de Cássia e o Diretor de Captação de Recursos, Sidney Silva, sendo esse colegiado válido até 2013.

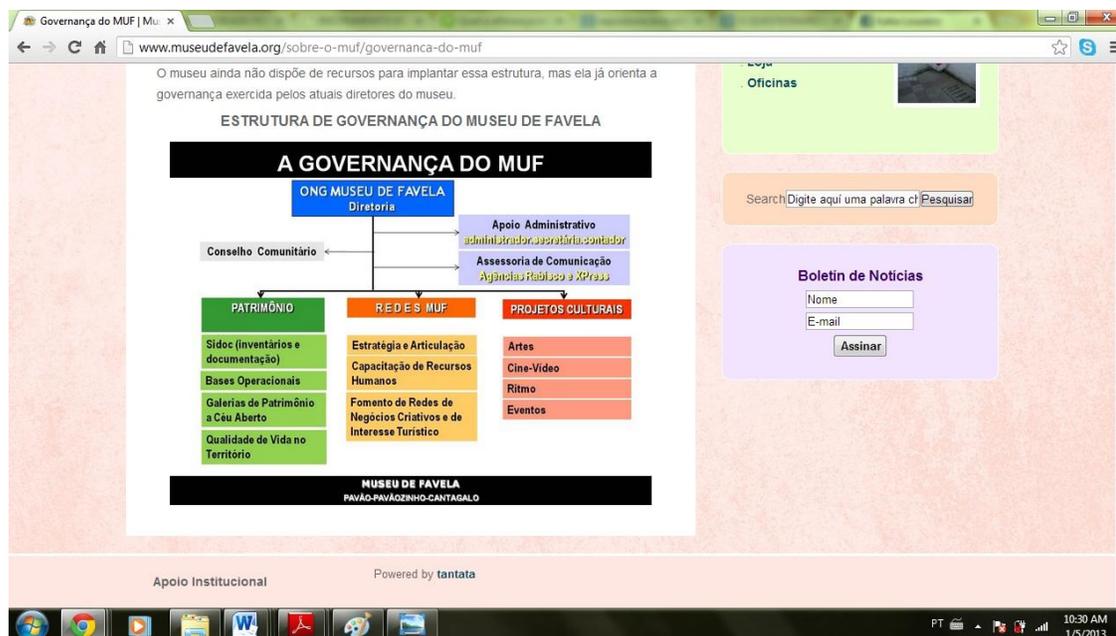


FIGURA 5 – Estrutura de Governança do MUF.

Dentre os projetos desenvolvidos pelo MUF, que serão detalhados no tópico “O MUF e suas propostas” estão: o Circuito das Casas Tela; o RedesMUF, que reúne um Grupo de Artesãos e o Grupo de Costureiras, de Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, que desenvolve produtos confeccionados a partir de material reciclável; o CineMUF, que tem como objetivo proporcionar momentos de lazer e diversão para comunidade; o Morro Acima, projeto desenvolvido em parceria com a loja Reserva, marca de roupa conhecida na Zona Sul do Rio; as exposições itinerantes “Despertar de Almas e Sonhos” e “Mulheres Guerreiras”, entre outras atividades.

Segundo Sidney Silva, diretor de captação de recursos do MUF, a primeira exposição do MUF se deu a partir de um grupo chamado Pró-Museus, a qual Rita de Cássia fazia parte, esse grupo começou a coletar entrevistas de moradores antigos dos territórios do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. A partir dessas entrevistas foi gerada a exposição “Despertar de Almas e Sonhos” através da qual o MUF pôde alcançar a identificação do morador com a sua comunidade ao mostrar as histórias de parentes e conhecidos da favela a que eles pertencem.

Os recursos do museu vêm através de editais e projetos que o MUF desenvolve. O Museu ganhou seu primeiro edital em abril de 2009 com o objetivo de estruturar a base de operações do Museu de Favela. Foram premiados “com instrumentos musicais, painéis de acervo cultural, melhorias do sistema de alto-falantes em Pavão-Pavãozinho, mobília para salas de oficinas de arte de favela, de ritmo e percussão” (Jornal MUF, 2009, nº 2).

O MUF se intitula como o guarda-chuva, para ser forte e apoiar trabalhos culturais e turísticos nesse território. Segundo as palavras de Sidney Silva²⁷, “ser esse guarda chuva significa ser um espaço onde todas as ONGs estão ‘linkadas’ umas às outras e assim o Museu consegue dar suporte para essas organizações”.

2.2. O MUF E SUAS PROPOSTAS

O Museu de Favela (MUF) além de ser museu também é uma ONG, e por isso desenvolve trabalhos como: cursos de inglês, informática, capacitação em montagem de projetos; aula de capoeira, pintura, fotografia, cavaquinho, violão, trabalhos de conscientização com o lixo, ingressos para eventos como: musicais, cinemas e peças de teatro, provindo de parcerias com o Metrô Rio e a Secretaria de Estado e Cultura do Rio de Janeiro, entre outras atividades.

No período em que este trabalho era produzido, foram realizadas duas observações participantes a eventos que foram feitos no Museu de Favela, o Morro Acima e a Brinquedoteca. A escolha se deu porque foram os dois principais eventos que aconteceram durante o desenvolvimento dessa monografia. Embora as outras atividades como as Exposições dialogassem mais com a ideia do museu, no período de desenvolvimento deste trabalho elas não estavam em exibição.

O Morro Acima é feito em parceria com a Reserva, marca de roupa conhecida na Zona Sul do Rio de Janeiro, e ocorreu durante os sábados entre dezembro de 2012 e fevereiro de 2013. Participamos do evento que ocorreu no dia dezanove de janeiro de 2013, que contava com participação de DJs, bateria Mirim Mestre Dá, Fernanda Abreu, entre outros convidados. Entretanto, sem contar os organizadores do evento, pouquíssimas pessoas da comunidade participaram do evento, sendo constatado que a esmagadora maioria das pessoas era de fora da

²⁷Entrevista cedida por Sidney Silva sócio-fundador do MUF em: 25 Jan. 2013.

comunidade. Uma das razões que poderiam explicar essa disparidade seria o valor cobrado para participar do evento: dez reais por pessoa.

Segundo uma moradora, as primeiras edições do evento cobravam esse valor de entrada tanto para as pessoas de fora quanto as da comunidade. Por ser um valor muito significativo para as pessoas da comunidade, houve reclamação e o valor deixou de ser cobrado aos moradores. Ainda assim, não observei nenhum incentivo ou divulgação maciça para os moradores participarem desse evento.

No dia que fomos para o Morro Acima o elevador não estava funcionando e por isso tivemos que subir de escada, era dessa forma que as pessoas subiam antigamente, quando chegamos lá em cima um menino veio em nossa direção e perguntou se iríamos para o evento que estava acontecendo no MUF, e assim fomos guiados até o evento pelo menino. Durante o percurso até o local, a música predominante era o funk; porém, quanto mais próximo do local do evento, escutávamos cada vez mais nitidamente música eletrônica. Ao chegar ao terraço onde é promovido o evento, estava passando um filme americano em preto e branco, da década de 1960, sendo exibido ao som de música eletrônica. Ou seja, um universo paralelo, senão avesso, ao universo já existente no local.



FIGURA 6 – Cartaz online de divulgação do evento Morro Acima. Disponível em: http://www.facebook.com/museudefavela/photos_stream/ Acesso em: 20 Jan. 2013.

Para avaliar essa parceria entre o MUF e a Reserva foi feita uma entrevista com representantes da empresa Multifato Comunicação, responsável pela assessoria de comunicação da Reserva. As respostas foram dadas pela assessora de imprensa Tatiana Avilez, por e-mail, no dia 29 de janeiro de 2013 (ver anexo 1). Ao ser perguntada sobre como surgiu a parceria entre a Reserva e o MUF, a assessora afirmou esta começou através de bate-papos, visitas e o processo inicial demorou um pouco mais de um mês até que a primeira edição acontecesse no dia 01/12/12. O Morro Acima é o único projeto do MUF desenvolvido em conjunto com a Reserva+ atualmente, mas já foi firmado a continuidade da parceria ao longo do ano de 2013 para outros eventos. A escolha do MUF entre as outras ONGs foi feita ocasionalmente e segundo Tatiana Avilez essa foi à primeira ONG que a Reserva+ teve acesso e que talvez a proximidade geográfica tenha ajudado na escolha. Ela cita que encontrou uma grande identificação entre os dois projetos, pois “a Reserva+ e o MUF atuam de forma muito similar, só que uma no asfalto e o outro no morro”.

O objetivo da Reserva+ sempre é de oferecer cultura gratuitamente e fomentar a cena artística carioca. O projeto foi ganhando força com o passar do tempo e o compromisso com este movimento aumentando. A partir daí segundo Tatiana Avilez sentiu-se a necessidade de não se restringir mais a nenhum espaço físico, “ampliar nosso barulho, potencializar a causa e ampliar o seu alcance”. Para ela com o momento da pacificação das favelas na cidade do Rio de Janeiro, foi oportuno para criar um evento de troca de experiências nessas comunidades. “Foi aí que o Qinho entrou na história e fez a ponte com a comunidade do Cantagalo, lugar que frequenta desde sua infância.” Segundo Avilez foi através do Qinho que se conheceu Sidney Silva - Tartaruga do MUF e após “algumas trocas de ideias o Morro Acima saiu do papel”.

Quando Tatiana Avilez responde “oferecer gratuitamente”, isso contradiz com o preço de dez reais cobrado para entrar no evento, confirmado pelos moradores que disseram que no início pagavam o mesmo valor e por isso não frequentavam o evento. Para eles, um evento que ocorre numa instituição como o MUF, patrocinado pelo Governo, deve ter eventos gratuitos para comunidade. As taxas cobradas nos eventos são necessárias para o MUF segundo seus sócios-fundadores, devido as necessidades de manutenção de infraestrutura da Base Operacional e da falta de dinheiro para mantê-las. O MUF não sendo um museu do governo, não conta com funcionários públicos e nem com verbas regulares para manutenção. Já que eles não contam com

verbas para financiar seu próprio funcionamento, é necessário realizar parcerias. Isso se verifica na resposta de Tatiana Avilez que diz “quanto ao processo de parceria desse evento, a Reserva+ financia todas as edições do Morro Acima, o MUF cede o espaço e toda a renda do evento é revertida para o projeto deles”. Sobre a contrapartida do MUF para com a empresa Reserva, para eles é a “troca de experiência, o enriquecimento cultural e a possibilidade de incentivar um projeto sociocultural potente”.

O segundo evento que participei foi o lançamento da Brinquedoteca, que ocorreu no dia 06 de Fevereiro de 2013, às 17h, e teve exibição de filme, contação de história feitas por Sidney - Tartaruga, e por último, uma roda de capoeira. A sala onde fica a Brinquedoteca estava lotada de crianças da comunidade. Esse evento demonstrou-se muito diferente do Morro Acima, pois pude observar não só a participação das crianças, mas também de algumas mães, todas moradores da comunidade.

O projeto da Brinquedoteca é patrocinado pela Ação Pontinhos de Cultura do Ministério da Cultura, que tem como objetivo apoiar, por meio de premiação em editais, propostas de cunho social, cultural, artístico e educacional. Essas ações visam o fortalecimento dos direitos da criança e do adolescente.

Segundo o site oficial da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural:

Os Pontinhos de Cultura visam mobilizar, sensibilizar e desenvolver conjuntamente com instituições públicas e entidades sem fins lucrativos a elaboração de atividades para a implementação e difusão dos direitos da criança e do adolescente, principalmente no que tange o direito de brincar enquanto patrimônio cultural. Além de mapear as ações existentes, possibilitar que novos recursos e capacidades enriqueçam as práticas sociais dos saberes e fazeres lúdicos, de forma a potencializar e ampliar o fazer artístico e a formação dentro de uma política pública de ação contínua junto às comunidades. Pretende-se, assim, valorizar e promover a cultura da infância no Brasil como medida pública para garantir a formação de futuros cidadãos na perspectiva do direito²⁸.

No dia seguinte, antes de realizar uma entrevista com Rita de Cássia, tive a experiência de brincar com as crianças e percebi que em sua maioria eram as mesmas crianças que tinham participado da abertura da Brinquedoteca. A sala possui brinquedos educativos e livros para que as crianças possam ter um momento de leitura. Esse projeto se mostra completamente voltado

²⁸ Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/category/cultura-e-cidadania/pontinhos-culturaecidadania/>. Acesso em 15 Fev. 2013.

para o desenvolvimento da comunidade. Nesse projeto, observei a participação da comunidade por meio das crianças e das mães. A história contada por Sidney Tartaruga era a história das favelas, de como elas surgiram, do morro da Providência e da Guerra de Canudos; as canções e a roda de capoeira expressavam a cultura afro-brasileira através das músicas e da arte marcial. Atividades essas que dialogam com o morro e seus habitantes. A Brinquedoteca proporciona para as crianças da comunidade interação social em um ambiente educativo e seguro.

PONTINHO DE CULTURA
BRINCANDO NO MUSEU DE FAVELA
PROGRAMAÇÃO

Dias de funcionamento | horário | Agenda

4ªF	tarde	Atividades Projeto Liberdade
5ªF	manhã	Ciclo de Leituras
6ªF	tarde	Ciclo de Leituras
sábado	manhã	Atividades Projeto Afrobretizar

Data	Horário	Agenda	Atividade
23/02	manhã	Atividades Projeto Afrobretizar	Contação da História de Mestre Bimba. Aprendendo a história da capoeira através da música – Atividades desdobrando o tema das músicas.
sábado			Visita Guiada: Mestre Sidney Tartaruga que irá falar sua trajetória na capoeira, seu trabalho na favela do Cantagalo, Pavão-Pavãozinho e a história de Mestre Bimba, fundador da Capoeira Regional.

MUSEU DE FAVELA
 Rua Nossa Senhora de Fátima, s/nº - Jardim do 2º andar - Morro do Cantagalo, Itaboraí - CEP 22671-000
 Rio de Janeiro - RJ - Brasil - Tel: (21) 2122-8121 - CEP: 2122-8121
 www.museudefavela.org | info@museudefavela.org

FIGURA 7 – Cartaz de divulgação online do lançamento da Brinquedoteca e quadro de atividades. Disponível em: http://www.facebook.com/museudefavela/photos_stream/ Acesso em 25 Jan. 2013.

2.2.1. CINEMUF

O CineMUF, tem como objetivo proporcionar momentos de lazer e diversão para comunidade, com a apresentação de filmes e distribuição de pipocas, sendo a escolha dos filmes feita por meio de entrevistas com os próprios moradores. A primeira edição do CineMUF ocorreu em 2009. No ano de 2010, como relatado na terceira edição Jornal do Museu de Favela, foram realizadas três apresentações. Os filmes selecionados foram: “Quem que ser um milionário”, exibido na quadra do Pavãozinho; “Caçador de Pipas”, exibido na Praça Frei Nereu, onde também existe a tela número 8 das Casas-Tela em homenagem ao Frei Nereu, e a terceira o filme “Up: Altas Aventuras” na quadra da Igrejinha, onde fica a Base Operacional do MUF. Em 2012 foi realizado o CineMUF de verão durante os meses de janeiro, fevereiro e março. Nesse evento

houve exibição de filmes seguidos de debates, rodas de capoeira, oficinas de tranças e rodas de samba e pagode.

2.2.2. EXPOSIÇÕES ITINERANTES

O Museu de Favela realiza duas exposições itinerantes. A primeira “Despertar de Almas e Sonhos”, exposição feita a partir da iniciativa do grupo Pró-Museu que recolhia depoimentos e dados de histórias e moradores da comunidade, e é composta de 13 entrevistas das pessoas mais antigas da comunidade, que como relata Dona Antonia²⁹, diretora da RedesMUF, “aquelas pessoas que quando vieram para cá, não tinha casa, caminho era tudo mato, aí essas pessoas começaram a contar, como isso aqui se construiu e também a história da sua vida”. Essas histórias foram transformadas em totens para a primeira exibição no dia do lançamento do MUF, mas depois para facilitar o deslocamento foram transformados em banners. Essa exposição já passou pelo espaço Criança Esperança, Solar Meninos de Luz, pelos municípios de Paraty, Macaé e Cabo Frio.

No ano de 2011, o MUF criou o evento chamado Mulheres Guerreiras, no qual são escolhidas e premiadas histórias de 12 mulheres todas moradoras da comunidade; o número doze é correspondente a cada mês do ano. Esse também é um trabalho de entrevistas onde cada mulher conta suas histórias de vida. Essas histórias são selecionadas de acordo com a importância que o MUF dá a cada história, que merece ser contada pela sua “trajetória de sofrimento, ou de muita alegria, tem história de mulheres que perderam a vida dos filhos ou maridos para o tráfico, ou até elas mesmas envolvidas por um motivo ou outro, mulheres que na verdade são muitas vezes pai e mãe [...]”. Essa exposição já passou pelo Museu da República, no Rio de Janeiro, pelo Museu Imperial, em Petrópolis, e vai ser exibida no Museu do Ingá, em Niterói, em março (2013). No período desse trabalho as exposições estavam em processo de mudança, sendo levada de um museu para outro e por isso não consegui visitá-la. A segunda edição desta exposição já está pronta com as entrevistas de 12 mulheres que também já foram premiadas e será lançado esse ano.

²⁹Entrevista cedida por Antonia Soares sócia-fundadora do MUF em:28 Dez. 2012.

A proposta das exposições do MUF, segundo Antonia Soares, é que estas exposições vão para museus tradicionais, “como MUF é um museu diferente, nos achamos melhor essas histórias irem para museus tradicionais”.

A definição de museu tradicional é diferente do museu territorial. Um museu tradicional para Hugues Varine (2005), o patrimônio é composto dos objetos que fazem ou farão parte da coleção do museu, esses objetos são escolhidos pelo “museólogo conservador” não se importando se eles dialogam ou não com o grupo local, mas somente em seu “saber científico, seu gosto estético e seus interesses culturais, considerando-se naturalmente missões confiadas ao museu pelos parceiros exteriores (Estado, associação, mecenas, etc.)” (VARINE, 2005). O valor e a retórica da perda desse patrimônio explicam a incumbência de conservação que é atribuída ao museu, além de qualquer outra missão de difusão ou de educação.

Já os museus territoriais, o patrimônio é aquilo que é reconhecido como tal pela comunidade e por seus moradores. “É o capital cultural coletivo da comunidade, ele é vivo, evolutivo, em permanente criação. Os responsáveis do museu utilizarão esse capital para atividades inscritas na dimensão cultural do desenvolvimento do território e da comunidade” (Ibidem). Isso se afirma na fala de Rita de Cássia “um museu integral de modos de vida de saberes e fazeres da comunidade, um museu vivo onde tudo desde o barulho, da casa do morador [...]tudo isso englobado faz parte do acervo do Museu de Favela”.

2.2.3. REDESMUF

A RedesMUF é uma rede de negócios criativos que tem como diretora Antônia Soares, moradora do Pavão-Pavãozinho. A RedesMUF, que reúne um Grupo de Artesãos e um Grupo de Costureiras, de Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, desenvolvem produtos confeccionados a partir de material reciclável, tais como, papelão, papel de revistas e jornais, restos de tecidos e aviamentos de costura, vidros etc. Segundo relatos de Dona Antônia e Marli Mello, essa rede é anterior a criação do Museu de Favela, pois o trabalho de artesanato já era desenvolvido com os artesões da comunidade. O primeiro trabalho desenvolvido em 2008 por esse grupo foi uma encomenda do PAC para brindes de Natal quando foram encomendadas 450 peças de uma caixa artesanal feita de papel e papelão, um bloquinho e um pacote de biscoito, que foram dentro da caixa. Todo esse trabalho foi feito por moradores do Cantagalo, Pavão- Pavãozinho. Na época foram articulados

sete segmentos, entre eles: artesãos, gastronomia, artistas plásticos e outros. Esse foi o primeiro trabalho da RedesMUF, que ainda não tinha essa nomenclatura.

A proposta da RedesMUF segundo a diretora da Rede, tem como objetivo reunir moradores da comunidade Cantagalo, Pavão-Pavãozinho; independentes ou em grupos, que produzam ou confeccionem trabalhos de arte, artesanato, culinária, que prestem serviços ou que possuam estabelecimento comercial nesse complexo territorial, que hoje forma um museu a céu aberto. O objetivo de reunir esses trabalhadores é fazer uma rede de cadastros para quando alguém precisar de um determinado serviço e entrar em contato com a Rede, esse profissional possa ser encontrado de forma rápida e segura, proporcionando assim a geração de renda para comunidade.

A RedesMUF tem como propósito gerar renda para a própria comunidade, além da integração de pessoas que possuem algum saber específico ou que desejam aprender, apoiando através da divulgação, incentivo por meio de oficinas ou através da exposição de produtos na lojinha do MUF. A lojinha funciona retirando 10% da venda de qualquer produto, para infraestrutura e manutenção do espaço. A proposta da Rede é manter um cadastro de profissionais, divulgar a atividade desenvolvida por estes profissionais, ou indica-los a quem é necessário.

Do dia 08 de novembro a 17 de dezembro de 2010, a RedesMUF instalou pela primeira vez um quiosque com parceria com o Instituto Invepar na estação de metrô da Praça General Osório. A segunda edição do RedesMUF ocorreu entre 15 de agosto e 07 de outubro de 2011. Os produtos foram confeccionados a partir de material reciclável, tais como, papelão, papel de revistas e jornais, restos de tecidos e aviamentos de costura, vidros, entre outros. Essa iniciativa além de divulgar o MUF também trouxe renda para os participantes desse grupo e fez com que pessoas de fora da favela possam conhecer um pouco do trabalho desses artesãos. Os produtos são: porta-retratos, bolsas, colares, arranjos para cabelo e enfeites natalinos.

2.2.4. O CIRCUITO DAS CASAS-TELA

A exposição “Despertar de Almas e de Sonhos”, inspirou a formação do Circuito das Casas-Tela, galeria a céu aberto, que tem como proposta contar a história do morro. Esse trabalho foi desenvolvido com direção artística do grafiteiro ACME, que teve seu primeiro contato com spray no ano de 1994 através da pichação, e é um dos pioneiros do *graffiti* no Rio de Janeiro,

sendo o primeiro grafiteiro a expor numa galeria de arte no Rio de Janeiro (Haus Arte Contemporânea), faz do lugar onde mora, Vietnã no Pavão-Pavãozinho, um lugar mais bonito, através de sua arte *graffiti* e a sua esposa também faz parte deste processo, através do trabalho com materiais recicláveis.



FIGURA 8 – Trabalhos desenvolvidos pelo ACME e a esposa Iani Antunes, por Tabita Bastos.

O Circuito Casas-Tela é um roteiro que perpassa toda a comunidade do Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, que começa no portal na Escadaria do número 200, no Cantagalo, e vai até o portal do Amor Perfeito, no Pavão, esses portais delimitam a entrada e a saída do território museal. Foram 20 telas quase todas feitas pela arte do *graffiti*. As telas foram inspiradas com base nos relatos orais dos idosos entrevistados para exposição “Despertar de Almas e Sonhos”, que conta a história do morro. O circuito possui também dez placas direcionais e dois portais que demarcam a entrada no território do museu. As obras foram feitas por 25 artistas com o patrocínio do Programa de Modernização de Museus 2009 e 2010³⁰. Hoje já existem 27 telas.

³⁰ PINTO, SILVA E LOUREIRO, 2012, p.63.

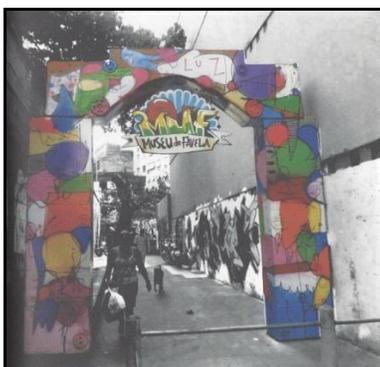


FIGURA 9 – Portal Amor Perfeito. Imagem extraída do livro Circuito das Casas-Tela, caminhos de vida no Museu de Favela.

OS NÚMEROS DO CIRCUITO DAS CASAS-TELA, em 2012...			
ACERVO DE PATRIMÔNIO DO MUSEU DE FAVELA	ARTISTAS AUTORES	NÚMEROS	FAVELA
Entradas ao território museal (Cantagalo, Pavão e Pavãozinho)		07	
Extensão total do Circuito		2050 passos	
Entradas já demarcadas com Portais de Arte do MUF		02	
Portal do Beco do Amor Perfeito	Smael	01	Pavão
Portal do 200 – entrada 1	Emerson Emol	01	Cantagalo
Esculturas-Placas da Mão Hospitaleira	Acme	10	
Placas Acrílicas de Identificação de Acervo	-	22	
Painéis de Obras de Arte nas Casas-Tela		[m ²]	
1. ALVORADA DO GALO*	Marcelo Eco e Acme	52,56	Cantagalo
2. A PONTE DE MONET NA DIFICULDADE DE SOBREVIVÊNCIA	Acme e Eco	35,07	
3. CAIXOTE, BICA E LATA D'ÁGUA	Acme e Bobi	42,47	
4. RODA DE CALANGO	Marcelo Eco	5,88	
5. O MENINO, A BOLA DE FUTEBOL E O SONHO DE UM FUTURO MELHOR	Davi e Pacato	25,16	
6. RELIGIOSIDADE NA FAVELA	Kajá e Combo	11,99	
7. DA ESCURIDÃO A LUZ ELÉTRICA	Vitorino	20,95	
7A. NOSSA SENHORA DE FÁTIMA E MUF DE MÃOS DADAS.	Acme	6,06	
7B. BÊNÇÃOS DO ESPÍRITO SANTO, DA POP AO MUF	Acme	22,06	
8. FREI NEREU, LIDER NA FÉ.	Kajá e Acme	13,30	
9. LIMITE DA FORÇA, IGREJA E EXÉRCITO	Acme, Sark e Carbonel Bobi e Emol	25,22	Pavãozinho
10. BATUCADA NA LATA	Acme, Rena, Cash, Afa, Sark	32,04	
11. FORRÓ E MIGRANTES NORDESTINOS	Carbonel, Sark e Acme	35,37	
11A. SÃO JORGE GUERREIRO	Acme	10,42	
12. TIÃO TEODORO	Acme	11,12	Pavão
13. O MENINO COM LAMPIÃO NO ALTO DO MORRO	Fleshbeck(BR), Chico e SWK	15,60	
14. CONVERSA NA PORTA DE CASA	Acme e Sark	21,32	
15. O MENINO E A PIPA	Bunys	14,19	
16. SOBREVIVÊNCIA, PAQUERA E BRIZOLA	Acme, Cash e Bruto	10,08	
17. NATAL E TRAGÉDIA	Marcelo Eco	33,08	
18. TIMES DE FUTEBOL E ESCOLA DE SAMBA	Acme e Marcelo Eco	11,34	
18A. MENININHA DO VARANDÃO	Iani Antunes	10,50	
19. NOSSA SENHORA APARECIDA DO SERAFIM	Acme	18,70	
19A. SANTA DO CASARÃO	Acme	5,46	
20. PAVÃO MISTERIOSO (conjunto Menino da Pipa, o Pescador, o Rei e o Pavão Misterioso)	Starman, Skipy, Jason, Acme, Giga Brow	24,02	
TOTAL DE ÁREA EM ARTE GRAFITE		513,96	

Obs.: As obras originais, datadas de 2009 e 2010, são numeradas com algarismos inteiros de 1 a 20. Ao longo dos anos novas obras de arte sobre memórias locais seguirão sendo introduzidas no circuito e são numeradas com algarismos seguidos de letra, para indicar que não são aquelas do tempo em que o circuito foi criado.

FIGURA 10 – Tabela com 20 telas feitas pela arte do *graffiti*. Imagem extraída do livro Circuito das Casas-Tela, caminhos de vida no Museu de Favela.

A ideia desse circuito partiu de Rita de Cássia, jornalista que já fazia o trabalho de recolher e contar a história dos moradores com o Projeto “Favela Tem Memória”. “Neste projeto, Rita fazia entrevistas com moradores das favelas e escrevia matérias a serem publicadas em seus sites na internet” (MORAES, 2011, p.74). Em conjunto com ACME, que já fazia o trabalho de *graffiti* na comunidade, além de Kátia Loureiro, que escreveu três projetos para a captação de recursos.

Segundo Camila Moraes, que em sua dissertação de mestrado abordou o tema sobre o MUF e sua relação com o turismo e o patrimônio cultural, ela relatou o seguinte sobre o roteiro a céu aberto:

As Casas-Telas são o resultado dos anseios e de todas as outras propostas que vimos até aqui, lembrando: Kátia e sua proposta de Museu Territorial / Comunitário; Valdete e seu desejo por mostrar as diferenças entre o Pavão e Pavãozinho e o Cantagalo; Sidney, Márcia e os guias envolvidos no projeto turístico; Rita, com seu interesse na memória e patrimônio da favela; e Acme, com o interesse na cultura *hip hop*. Foi criado então o projeto que uniria tudo isso, o projeto das Casas-Telas. (MORAES, 2011, p.74).



FIGURA 11 – Mapa do Circuito Casas-Tela. Retirado do site <http://www.museudefavela.org/participe/roteiro-casas-tela>. Acesso em: 15 Fev. 2013.

As Casas-Tela se espalham pelo território do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, sendo 13 no Cantagalo e 14 no Pavão-Pavãozinho. ACME conta como foi fazer esse processo:

Eu tracei um roteiro, porque tinha que ser uma linha sequencial, tinha que ser uma história sequencial e tinha que ter um começo, meio e fim[...] E tinha que cruzar as três comunidades, então eu tive muita luta para poder fazer essa linha seguir reta.

Esse processo foi enriquecedor tanto para os moradores por descobrir mais sobre a cultura local e sobre a arte do *graffiti*, como para os grafiteiros que aprenderam mais da dinâmica da comunidade e da sua perspectiva no processo de trabalho, como exemplo a casa de número 16 “Sobrevivência, paquera e Brizola” feita pelo grafiteiro Vinicius Carvas (CASH) ele gastou mais de doze horas fazendo essa pintura, trazendo para o grafiteiro uma experiência muito intensa e interessante, pois além do *graffiti* ocorrer em horários diferentes e, por isso, com diferentes intensidades de iluminação, também abordava temas como política, amor e a vida na favela.

As pinturas além de atraírem a atenção dos moradores também trouxeram polêmicas, por exemplo, a casa número 14 “Conversa na Porta de Casa” a obra original era a figura de uma baiana representando o candomblé, e precisou ser removida devido à reclamação dos moradores e a pedido da dona da casa, que sofrendo com a rejeição dos vizinhos pediu a substituição da figura, que foi apagada durante a noite e trocada pela atual. O processo de criação do *graffiti* na casa dos moradores requer muita sensibilidade dos artistas envolvidos para situações como: a interferência dos moradores no *graffiti*, a exposição de uma arte que dialogue com a favela, abertura para as sugestões dos moradores no processo de criação, entre outros.

ACME também fala da sua experiência de como foi desenvolver um trabalho artístico nas casas dos moradores:

E o grande desafio também foi convencer os moradores, porque são pessoas muito antiga e quando você bate de frente com uma pessoa muito antiga[...] e pela necessidade da agilidade do projeto às vezes você tem que traçar metas, tipo preciso terminar isso essa semana, preciso terminar isso no fim de semana ou sei lá, e aí meu processo foi muito mais lento do que eu pensava, eu sabia que seria difícil mais não sabia que seria tão mais lento, porque na verdade você tem que parar né, quando você vai conversar com velho você ouve mais do que fala[...]

Nessa parte da entrevista ACME mostra como foi o aprendizado através da troca de experiência e informações com os mais velhos do morro, uma troca de saberes proporcionada por esse momento de intervenção na comunidade, dessa forma aprendendo não só mais sobre a comunidade, mas também construindo valores e o respeito ao outro.

E aí foi interessante porque aprendi muito da historia da favela, eu nasci aqui[...]nasci dentro de casa, mas muita coisa que eles me contaram eu não sabia, eu sai do morro com 7 anos e voltei com 14 ne, então foi um período que desconhecia e passei a conhecer testemunhado por pessoas que vivenciaram.

Foi possível observar não somente quando estava fazendo as entrevistas, mas também nesse relato do grafiteiro ACME a desconfiança dos moradores no processo da assinatura de autorização para que os artistas fizessem as pinturas nas suas casas. Essa desconfiança como veremos se dá devido a atuações do poder público em relação às populações ali estabelecidas, como nas experiências de remoções tema abordado anteriormente:

A grande dificuldade foi convencer eles de que as casas não seriam derrubadas, porque causa da assinatura que eles iriam colocar no meu papel, porque estava na mesma época que a prefeitura tava marcando as casas para serem removidas, por causa da rua [...] então o pessoal achava que eu era disfarçado, o pessoal achou que eu tava é metendo 171, mas eu falava não sou grafiteiro e como a pessoa era antiga ela não se ligava em *graffiti*, mas como o outro fulano de tal me conhecia mais atualizado ele confirmava, aí eu tive que buscar meu conhecimento que eu testemunho e é reconhecido pela comunidade; se ele aí eu assino, mas também é um termo de responsabilidade dele com a obra e eu com ele de não pintar nada com o que ele não vai gostar tive problema[...]

As telas sofrem muitos desafios para manter sua preservação, pois além dos efeitos do tempo, como chuva e sol, ainda enfrentam o vandalismo de algumas crianças ou moradores que não entendem a importância daquelas obras de artes. Para Hugues Varine “a conservação é uma responsabilidade e uma tarefa coletiva da comunidade, os profissionais do museu sendo essencialmente apoio técnico e científico” (VARINE, 2005).

O MUF vem enfrentando todos esses desafios com o objetivo de transformar o Complexo do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho num “Monumento Turístico Histórico Carioca”, apoiando assim o turismo cultural, onde os turistas não somente subam e desçam o morro, mas que eles conheçam as histórias e que através do Circuito eles também tenham a vivência com um pouco do dia-a-dia da favela.

2.3. A RELAÇÃO ENTRE O MUF E OS MORADORES

O campo de investigação deste trabalho é o morro de Cantagalo, Pavão-Pavãozinho como já citado anteriormente, onde está localizado o Museu de Favela. Situado entre os bairros de Ipanema e de Copacabana, esse morro tem uma das mais belas vistas da cidade, que além das praias também podem ser vistos a Lagoa Rodrigo de Freitas e o Cristo Redentor.

De acordo com os dados do censo 2010 do IBGE e divulgado no site da UPP Social, o morro do Cantagalo junto com o Pavão-Pavãozinho possui 10.338 moradores e 3.508³¹ domicílios. Tal estatística é conflitante quando comparada às estatísticas que o MUF diz no site³² ou às respondidas pelas Associações de Moradores, que diz que o morro tem cerca de 20 mil moradores.

A primeira entrada no Cantagalo, Pavão-Pavãozinho foi numa quinta feira à noite, no dia 06 de Dezembro de 2012, para entrevistar Carlos Esquivel (ACME), primeiro presidente do Museu de Favela (2008-2011). Ele estava na laje do MUF trabalhando para o lançamento do livro Circuito das Casas-Tela. Na subida em direção ao MUF houve uma ótima recepção por parte das pessoas que pedi ajuda para chegar ao museu, em razão do desconhecimento do caminho. Percebi uma sinergia ótima por parte dos moradores que estão sempre dispostos a ajudar. Isso é algo confortante, pois havia o receio de haver alguma forma de hostilidade naquele lugar vinda dos moradores. Ao contrário da situação temida, os moradores fazem os visitantes sentirem como um turista, quando chega a um lugar novo e desconhecido, onde a população local guia o recém-chegado e dá informações sobre a história e a cultura do lugar.

Para verificar a relação entre o Museu de Favela e os moradores, optei pelas entrevistas como forma de pesquisa coletiva. Partindo disso, desenvolveu-se um questionário base (ver anexo 2) com seis perguntas, no intuito de verificar o grau de conhecimento dos moradores sobre o trabalho desenvolvido pelo MUF. As entrevistas não ficaram somente presas às perguntas, muitas vezes os moradores se sentiam à vontade para expor sua opinião numa conversa mais informal.

Mas quantas e quais pessoas deveriam ser entrevistadas? Comecei a desenvolver um trabalho que tivesse um resultado quantitativo através de levantamentos estatísticos, mas percebi

³¹ Disponível em: <http://www.uppsocial.org/territorios/pavao-pavaozinho-cantagalo/>. Acesso em: 01 Dez. 2012.

³² Disponível em: <http://www.museudefavela.org/index.php>. Acesso em: 21 Dez. 2012.

no decorrer das entrevistas, que o acompanhamento do cotidiano local iria produzir resultados melhores. Então nossa pesquisa se tornou qualitativa com ênfase nas respostas produzidas pelos moradores.

Mas como entrar em contato com os moradores? A entrada no Cantagalo-Pavão-Pavãozinho foi facilitada por contato feito com funcionários da Secretaria de Estado de Assistência Social e Direito, do Programa Gestão Social – Territórios da Paz, que neste momento, em 2012, acompanhavam os territórios de Cantagalo, Pavão-Pavãozinho. Uma das pessoas fundamentais nesse processo de integração é a Antônia Soares, diretora do RedesMUF, que desde o início aceitou colaborar com a pesquisa, tornando-se a pessoa a apresentar o Pavão-Pavãozinho para a realização das devidas finalidades deste trabalho. Profissional do artesanato, líder-nata, ativista, mãe e avó dedicada, Dona Antônia começou sua liderança comunitária no território do Pavão-Pavãozinho no acidente de 1983, que provocou a morte e deixou várias pessoas desabrigadas. Sua liderança é exercida até hoje em projetos desenvolvidos no morro, que vão além do MUF, como Chá no Jardim³³ e Catequista³⁴.

Além de ter concedido uma entrevista, Dona Antônia também proporcionou um passeio pelo morro do Pavão-Pavãozinho, no qual foi descoberto que o morro se dividia em subterritórios. Andamos pelo Pavão, Pavãozinho, Caranguejo, Vietnã – este último onde fica a casa do ACME e seu atelier. Ao final, fizemos um passeio pelo alto do morro, onde está sendo desenvolvido pelo MUF o “Caminho do Alto”. Foi apresentado também o Campinho, lugar onde, em tempos anteriores, eram cometidos sérios crimes, como mortes por justicamento, dentro do morro. E por fim, Dona Antônia me levou até a Associação de Moradores, ato sem o qual não teria sido possível fazer contato posterior com a Dona Alzira, Presidente da Associação de Moradores do Pavão-Pavãozinho.

³³O Chá no Jardim já está na sua décima edição, e é uma iniciativa desenvolvida pela Clínica da Família com parceria do Pac Social - trabalho de educação ambiental - realiza reuniões onde expõem ideias e trocas de saberes voltados para o meio ambiente, como amostra do sabonete de hortelã confeccionado na oficina de artesanato, xaropes caseiros, entre outros.

³⁴Catecismo é o ensino da doutrina da Igreja Católica, religião cristã, dos princípios e códigos morais. A catequese é normalmente feita por um ministro autorizado pela Igreja.



FIGURA 12 – Vietnã, por Tabita Bastos



FIGURA 13 – Visão do Mirante da Lagoa, por Tabita Bastos

A segunda entrevista foi com Sr. Bezerra presidente da Associação de Moradores do Cantagalo. O objetivo era conhecer um pouco mais da comunidade com o intuito de haver uma aproximação maior do território e seus moradores, para então escolher quais seriam os pontos de maior movimentação dentro da comunidade, locais estes em que seriam realizadas posteriormente as entrevistas. Embora, mais à frente, descobriu-se que não bastava apenas ficar em ponto com maior movimentação, uma vez que não houvesse a confiança dos moradores para que as entrevistas fossem realizadas.

Cabe ressaltar que a maior dificuldade no campo, além de tentar conseguir entrevistas com os sócios-fundadores, que continuaram como diretores do MUF foi ganhar a confiança dos moradores para a aplicação do questionário. A desconfiança dos moradores é em virtude de anos sobre a opressão da violência exercida pelo tráfico de drogas; uma polícia que sobe o morro para repreender e muitas vezes agredir; um governo que mapeia a região para depois fazer a retirada das casas³⁵ e trazer mais impostos. Por causa desses fatores os moradores se sentiam desconfortáveis e inseguros para responder minhas perguntas, já que sou de fora do território e a trajetória de vida destes moradores os permite desconfiar de que aquilo que vem de fora não traz coisas positivas.

³⁵Na época da pesquisa o governo estava abrindo uma rua no Cantagalo para facilitar a movimentação, e na minha visita ao Pavão-Pavãozinho pude observar as casas do Vietnã, que estavam marcadas com o SMH da Secretaria Municipal de Habitação - Gerência de Regularização Urbanística e Fundiária, que estavam fazendo o processo de regularização fundiária em andamento na comunidade.



FIGURA 14 – Foto com a marcação da Secretaria Municipal de Habitação (SMH):regularização urbanística e fundiária, por Tabita Bastos.

Tal barreira só pôde ser vencida depois do acolhimento das Associações e de alguns moradores. A perspectiva adotada para as pesquisas partiam do pressuposto que os entrevistados não precisavam citar seus nomes e assim nunca seriam identificados no meio de tantas outras entrevistas, demonstrando dessa forma que o objetivo era saber se a população do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho conhecia ou não o MUF e o grau desse conhecimento.

A pesquisa foi feita no Complexo do Cantagalo, Pavão-Pavãozinho com 139 moradores, entre os dias 19 e 29 de Janeiro de 2013. As entrevistas foram realizadas na entrada do elevador que dá acesso ao Mirante da Paz no Cantagalo, na Associação de Moradores do Cantagalo do Pavão-Pavãozinho, no plano inclinado do Pavão-Pavãozinho e nas vielas da favela. As idades dos entrevistados variaram de 15 até 60 anos.

O processo não foi fácil, no primeiro dia as entrevistas aconteceram no elevador que leva para o Mirante da Paz e quase não consegui entrevistas devido à desconfiança natural do morador de favelas como já citado durante o trabalho. Para ganhar uma maior legitimidade dentro do campo, foi necessário ficar nas Associações de Moradores, onde já tinha sido entrevistado o Sr. Bezerra, da Associação do Cantagalo e Dona Alzira da Associação do Pavão-Pavãozinho. Ao chegar ao local, pedi autorização para permanecer ali fazendo as entrevistas, pois dentro da associação eu iria ganhar a confiança da comunidade, estratégia pela qual muitos moradores

aceitaram participar da pesquisa. Nesse processo, a secretária da Associação do Cantagalo, Tatiana Neres, ajudou a fazer uma parte das entrevistas.

Nesse período passado nas Associações, foi possível ter a oportunidade de em algumas conversas/entrevistas explicar mais sobre a pesquisa. Dessa forma alguns moradores conseguiram expor melhor a sua opinião sobre o trabalho que é desenvolvido na comunidade pelo MUF. Uma moradora disse que o MUF “tomou” o lugar da creche POP, que fica onde se encontra hoje em dia a Base Operacional do MUF. A creche, nas palavras dela, era muito mais importante para comunidade do que hoje é o MUF. Embora tenha se configurado comum nas falas dos entrevistados de que as ONGs são lugares de lavagem de dinheiro e que não fazem nada de realmente positivo pela comunidade, mostrando uma descrença nesse tipo de instituição.

Na Associação de Moradores do Pavão-Pavãozinho, me instalei no salão de beleza das Irmãs³⁶, espaço que fica atrás da sede da instituição. Na entrevista do Pavão-Pavãozinho, obtive grande número de moradores que responderam que não conheciam o MUF. Então expliquei a localização do mesmo, para que não ocorressem dúvidas de qual objeto estava sendo apresentado para os entrevistados. Mas, mesmo assim, as respostas continuaram a ser desconhecimento da existência do museu. Nessas entrevistas, a fala mais comum entre os moradores do Pavão-Pavãozinho que pude observar era: “Existe Museu aqui na favela?”.

Os gráficos abaixo foram desenvolvidos a partir da pesquisa realizada com moradores, conforme descrito acima.

Das pessoas que responderam ‘sim’ para a pergunta: “Você conhece o MUF?”, 31 tinham entre 15 e 29 anos; 22 tinham entre 30 e 44 anos e 16 tinham 45 anos ou mais. Percebe-se nesse gráfico que os mais frequentam a ONG são as pessoas em idade escolar, pois geralmente tem uma maior liberdade de tempo para frequentar outro tipo de atividade.

³⁶ O salão das Irmãs estava em obra e por isso a associação cedeu esse espaço, que de dia é salão, à noite igreja e também serviu para uma reunião da GT de Turismo do SEBRAE da qual participei.

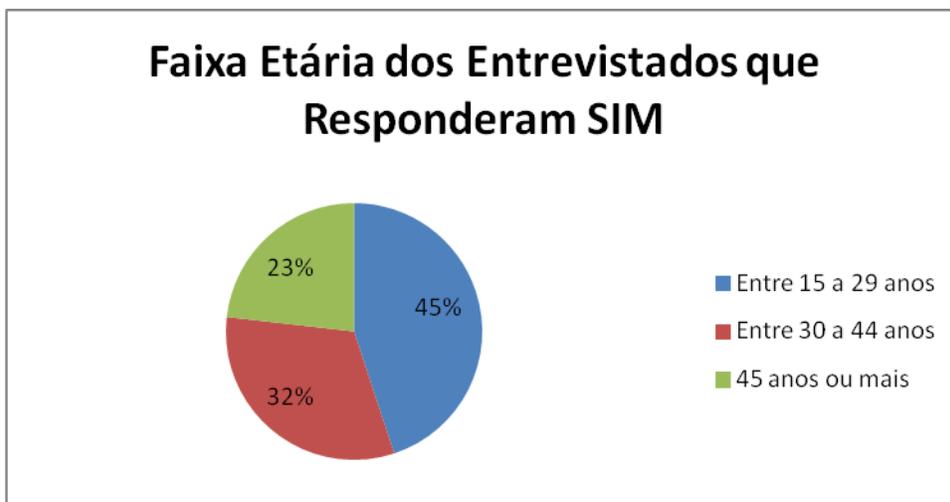


FIGURA 15 – Faixa etária dos entrevistados que responderam sim.

Do total de 139 entrevistados, 79 eram do Cantagalo e 60 do Pavão-Pavãozinho.

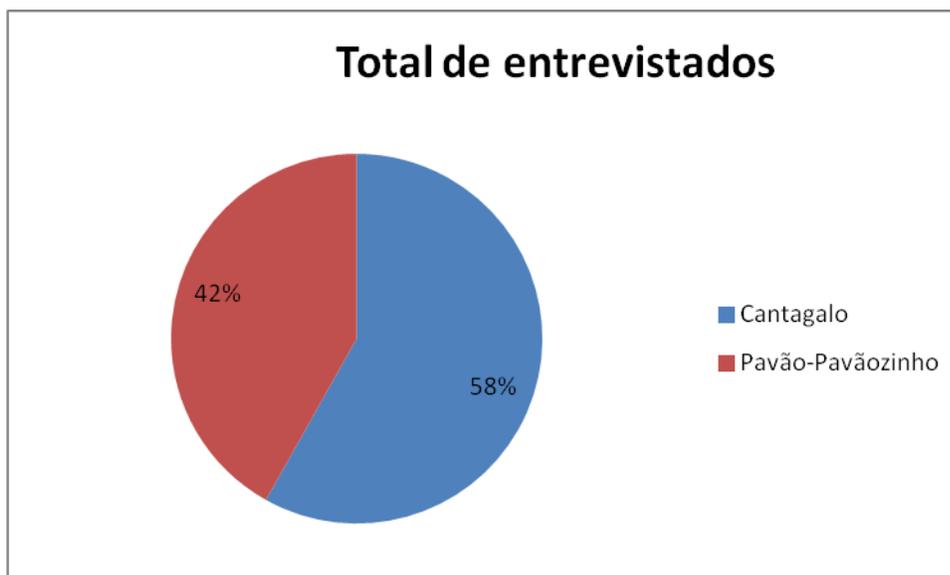


FIGURA 16 – Total de entrevistados.

Foi constatado que dos 69 entrevistados que disseram já conhecer ter ouvido falar do MUF, 56 moravam no Cantagalo, enquanto somente 13 moravam no Pavão-Pavãozinho.

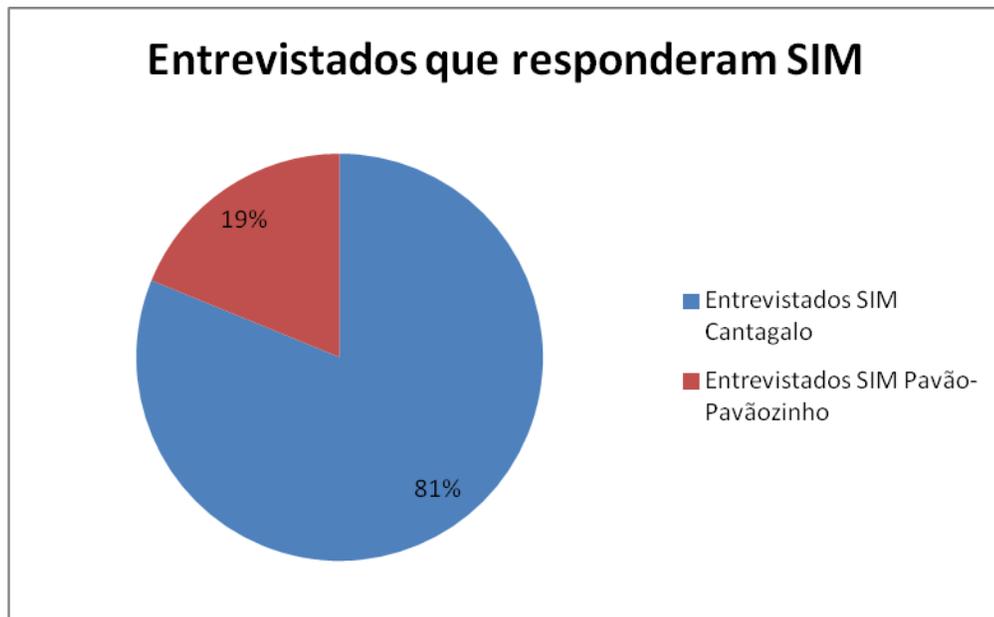


FIGURA 17 – Quantidade de entrevistados com resposta ‘sim’ do Cantagalo Pavão-Pavãozinho.

Foi constatado que dos 70 entrevistados que disseram ‘não’ conhecer o MUF, 47 moravam no Pavão- Pavãozinho, enquanto no Cantagalo somente 23.



FIGURA 18 – Quantidade de entrevistados com resposta ‘não’ do Cantagalo Pavão-Pavãozinho.

A razão da maioria dos moradores do Pavão-Pavãozinho não conhecerem o MUF se dá devido à localização da Base Operacional do MUF, que fica na Igrejinha localizada no Cantagalo.

Dentro desses 69 que responderam que conheciam o MUF, somente 14 pessoas disseram que participam ou já participaram de alguma atividade dentro do MUF. Mas quanto à resposta da terceira pergunta: “Você conhece as atividades que o museu desenvolve?”, somente 15 pessoas das 69 disseram que sim, sendo as suas respostas: Casas-Telas, o samba, fotografia, aula de música, capoeira, pintura, inglês, informática, eventos ao sábado (Morro Acima), mutirão de limpeza, aulas de cavaquinho, cinema e o projeto Mulheres Guerreiras.

Para a resposta da segunda pergunta: “Como você conheceu o MUF?”, 43 pessoas responderam ‘pelo caminho’, que inclui respostas como: pelos amigos, ouvi falar, parentes e moro perto. Oito moradores responderam que conheceram o Museu por pessoas que trabalham nele, sete porque participaram de alguma atividade e uma pela Associação de Moradores. Somente nove pessoas responderam que conheceram o MUF por formas de divulgação convencionais, como cartazes ou panfletos e uma pessoa disse que viu na TV.

Diante dos dados levantados, pode-se concluir que as atividades culturais no complexo tem uma dinâmica própria de divulgação que não passa necessariamente pelos instrumentos tradicionais do campo da gestão da cultura como a propaganda e marketing. Assim, percebe-se que o boca a boca tem muito mais efeito na comunicação das atividades do que as propagandas em televisão, por exemplo.

O morro se relaciona diferente, dentro dele a comunicação entre os moradores parece ter mais efeito, principalmente porque o MUF está dentro da comunidade, foi feito por pessoas da comunidade e é para comunidade em termos. Por isso, o julgamento dos vizinhos nas conversas nas portas de casa, nas vielas, nos encontros no elevador ou plano inclinado parece ter mais efeito sobre qual representatividade o morador irá fazer sobre a Instituição.

Na quarta pergunta foi questionada a opinião do entrevistado sobre o trabalho do MUF. Das 69 pessoas que afirmaram conhecer o MUF, somente 24 pessoas aceitaram responder a esta questão, sendo 18 positivas, que variavam entre bom, ótimo e legal. Deste total, dois moradores disseram: “Veio para melhorar, mas precisa de mais divulgação” e “Vem muitos turistas, isso é bom”.

Seis foram respostas negativas, entre elas: indiferente para comunidade, que não veem o que eles trazem de bom para comunidade, que eles representam a comunidade, mas não trazem nenhum benefício. Cento e quinze moradores não deram nenhuma opinião.

Na quinta pergunta: “Você costuma participar de algum lazer dentro da comunidade?”, cinquenta pessoas responderam que sim, sendo as mais citadas: funk, pagode e forró com trinta e quatro, igreja com dezesseis. Pode-se concluir que a Igreja, as festas na quadra da Alegria da Zona Sul, onde ocorriam os bailes e o Bar do Expedito onde ocorre o forró e pagode são importantes espaços de lazer para as pessoas neste território.

Na sexta pergunta: “Você participa das atividades culturais de outras ONGs aqui no Cantagalo-Pavão-Pavãozinho?”, trinta e uma pessoas disseram que sim, entre elas as mais citadas foram AfroReggae com seis pessoas e Criança Esperança com quatorze. Dos moradores que disseram não fazer nenhuma atividade cultural e nem participar do trabalho de nenhuma ONG, alguns alegaram que era por causa da falta de tempo devido ao trabalho.

Como uma prévia sobre a conclusão das entrevistas verificou-se que: não existe uma apropriação muito forte do museu pelos moradores; que não há uma ligação explícita feita pelos moradores entre o lazer e as atividades do MUF, e por isso quando se oferece uma atividade dentro da comunidade como o Morro Acima a comunidade costuma não participar. Também não há muito conhecimento por parte dos moradores do que é feito no museu, e isso pode se dá devido a forma de divulgação que não possui muito efeito dentro da comunidade e por fim que existe um maior conhecimento entre os moradores do Cantagalo, onde está baseado o MUF, do que entre os moradores do Pavão-Pavãozinho.

Entretanto, para compreender de forma ampliada a abertura do museu para os moradores das favelas em que ele se localiza, foi preciso verificar também como os diretores do museu entendem esse processo.

Primeiro foi feita uma pesquisa de quais dos 16 sócios fundadores ainda permaneciam no cargo. Esses são: Antônia Soares, Márcia Souza, Rita de Cássia, Sidney Silva e Kátia Loureiro. A única integrante da Governança atual que não participou da fundação é Josy Manhães, diretora de Comunicação.

Cabe destacar a dificuldade encontrada para entrar em contato com os sócios-fundadores e atuais diretores do MUF. No fim conseguiu-se fazer entrevista, além da Dona Antônia, com Sidney Silva e Rita de Cássia.

Em relação à pergunta: “Como é a relação da comunidade com o MUF?”, Sidney Silva respondeu:

A relação da comunidade é positiva, porque o MUF é muito novo para comunidade, porque existem muitos projetos sociais, então a ideia do MUF é muito ambiciosa de fazer a comunidade de ter mais, gerar mais renda para comunidade e fazer o morador entender que o morador mora não só dentro da favela, mas dentro do território ‘museal’, que hoje a favela é cadastrada como museu de percurso no Brasil como no mundo. É o primeiro museu de favela de percurso do mundo, e fazer o morador entender esse processo, aonde ele entenda que a gente tá colocando o morro como atrativo turístico na cidade e ele tem que se ligar para que ele possa gerar renda [...] Os comerciantes, o pessoal que trabalha com cultura, tirarem o maior benefício dessa inserção que o Museu de Favela tá dando para o morro no mundo.

Já para Cássia:

É um processo lento quase engatinhando [...] o negocio é perseverar, por tudo que já falei sobre a autoestima desse morador que é muito baixa, por toda uma vida e depois por todas as coisas mais difíceis, pelo risco da remoção[...] Não tem como ele achar que isso aqui é a referência dele, e esse museu tem que provar e trazer a experiência dele para cá, ou entrar dentro da casa dele e fazer uma entrevista, ouvi-lo, vê-lo chorar[...] Além, da gente ser gestor, o também somos o público alvo.

Por fim, com essa pesquisa pode-se arriscar algumas acanhadas conclusões:

Que o MUF tenta como museu/ONG realizar seu papel na interação e participação com a comunidade. Mas observa-se pelos dados acima que os moradores não conseguem ter o sentimento de pertencimento em relação ao MUF, mostrando que a sua missão de transformar a visão da comunidade em relação ao território e de si mesmo não está sendo alcançada ainda.

Percebeu-se também que a maioria dos moradores entrevistados não conhece o trabalho que o MUF desenvolve dentro da comunidade e por isso esses moradores não tem conhecimento suficiente para expressar sua opinião sobre o trabalho desenvolvido pela instituição. Então, não se pode concluir que os moradores não se identificam com o MUF, mas que esses ainda não o conhecem.

Realmente a visão de um morro como lugar somente de violência, drogas e pobreza, já está mudando para aqueles que vêm de fora (turistas, pesquisadores...), mas isso pelo que parece se deu mais devido a ações do Governo e a tentativa de “patrimonialização” dos morros do Rio de Janeiro do que pelas ações desenvolvidas pelo MUF.

Mesmo obtendo alguns julgamentos ruins sobre o MUF esses juízos não se baseiam no trabalho que a instituição desenvolve, mas em algo que alguém que trabalha lá fez, por exemplo,

conforme citado por Camilla Moraes (2011, p.55) “a ocupação do andar que era da creche pelo museu causou outro problema, pois alguns moradores acharam que a creche tinha parado de funcionar para dar lugar ao museu”. Esse problema ainda persiste até os dias de hoje, como se pode perceber pela fala de uma moradora “os pais da Rita roubaram o espaço da igreja e deram para o MUF”. O fato é que os moradores não possuem uma visão do trabalho que o MUF pretende desenvolver na comunidade, talvez pela falta de comunicação do MUF para com eles, ou pela descrença dos moradores nesse tipo de instituições, ou até pela ausência de desejo dos moradores de participarem das atividades que são desenvolvidas pelo MUF.

Então seria importante que de alguma forma o MUF começasse a manter uma relação maior com a comunidade, com o objetivo de despertar o desejo dos moradores de participarem das propostas desenvolvidas, pois o julgamento da mesma faz diferença para algo que deseja ter uma legitimidade/representatividade na comunidade.

CAPÍTULO 3

MUSEUS EM FAVELA E A MUSEOLOGIA SOCIAL

3.1. O QUE É MUSEOLOGIA SOCIAL E COMO O MUF SE PROPÕE COMO MUSEU

O vocábulo museu, como se sabe, tem origem na Grécia, no Templo das Musas (Musei6n). As musas, por seu turno, foram geradas a partir da uni6o m6tica celebrada entre Zeus (identificado com o poder) e Mnem6sine (identificada com a mem6ria)³⁷.

Esse t6pico far6 uma breve introdu76o sobre o que 6 museu tradicional, o conceito de museologia social e a defini76o do que 6 museu de territ6rio segundo o MUF. Por fim, uma compara76o entre o Museu da Provid6ncia e o Museu de Favela permitir6 refletir sobre como 6 importante os moradores se apropriarem deste tipo de proposta para que ela tenha continuidade.

Antes de come7ar a falar sobre outras tipologias de museu, 6 preciso definir o que 6 Museu, que, segundo M6rio Chagas (2003, p. 18) 6:

selecionar, reunir, guardar e expor coisas num determinado espa7o, projetando-as de um tempo num outro tempo, com o objetivo de evocar lembran7as, exemplificar e inspirar comportamentos, realizar estudos e desenvolver determinadas narrativas, parecem constituir as a76es que, num primeiro momento, estariam nas ra6zes dessas pr6ticas sociais a que se convencionou chamar de museus.

Por6m, Chagas (2003) tamb6m observa que o “olhar” para os museus deve ir al6m. O MUF 6 um microcosmo social, que reflete uma miniatura do que 6 a favela, sendo assim, identificar o MUF apenas como lugar de mem6ria 6 reduzi-lo a uma express6o que est6 longe de abarcar as suas complexidades. Por isso, 6 preciso consider6-lo, tamb6m como um espa7o de “subjetividades e lugares de mem6ria, de poder, de esquecimento, de resist6ncia, de fala76o e de sil6ncio” (CHAGAS, 2003, p. 22).

³⁷CHAGAS, M. S. Mem6ria e poder: contribui76o para a teoria e a pr6ticas dos ecomuseus. 2000.

Com o tempo novas concepções de museu foram sendo desenvolvidas, como Ecomuseu e Museu de Território, mas isso não significa que os conceitos antigos devam ser deixados de lado ou que perderam sua importância, cada um tem sua importância num determinado espaço.

Segundo Moutinho, *Museologia Social* “traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.” (MOUTINHO, 1993, p.7).

O Diretor Geral da Unesco, Frederic Mayor, na abertura da XV Conferência Geral do *The International Council of Museums (ICOM)* explica melhor o que essa nova instituição vem a ser:

A instituição distante, aristocrática, olimpiana, obcecada em apropriar-se dos objetos para fins taxonômicos, tem cada vez mais - e alguns disso se inquietam - dado lugar a uma entidade aberta sobre o meio, consciente da sua relação orgânica com o seu próprio contexto social. A revolução museológica do nosso tempo - que se manifesta pela aparição de museus comunitários, museus 'sans murs', ecomuseus, museus itinerantes ou museus que exploram as possibilidades aparentemente infinitas da comunicação moderna - tem as suas raízes nesta nova tomada de consciência orgânica e filosófica... (apud MOUTINHO, 1993, p.7)

Sendo assim o museu faz parte da comunidade na qual está inserido e se relaciona com ela de maneiras diversas a ponto de influenciá-la e de ser influenciado, num processo constante de troca. Esse “novo” museu está em desenvolvimento e em constante modificação. Novamente nas resoluções adotadas pela Mesa-Redonda de Santiago do Chile no dia 30 de maio de 1972 pode-se observar a importância da comunidade no processo de existência do museu:

[...] o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais³⁸.

É no campo conceitual produzido por essas reflexões que está inserido o Museu de Favela. Esse processo de transformação, renovação e inovação que os museus em geral

³⁸ Revista Museu. Disponível em: http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/mesa_chile.htm. Acesso em: 02 fev. 2013.

percorreram, propiciou a sua criação. Um exemplo disso, é que no dia do lançamento do MUF o IBRAM considerou o MUF como o primeiro “ponto de memória”, que é hoje a referência em museologia social no Brasil.

Assim como no trabalho de Palloma Valle Menezes (2008), o conceito de Museologia Social usado aqui será baseado no texto de Fernando Moreira (2007) “Uma reflexão sobre o conceito de público nos museus locais”, que tem como base o processo de transformação da instituição museu e que MOREIRA (2007, p. 102) cita como ‘factores’ de dinâmica, ligados à evolução global da instituição museu. A partir desses três fatores decorrentes dessa transformação será analisado o conceito de Museologia Social dentro da experiência do Museu de Favela

Primeiro fator assinalado é à saída do museu do lugar passivo para um museu pró-ativo, isto é, o museu passa a não ser mais um local aonde as pessoas se dirigem para contemplar os objetos ‘sacromentalizados’, mas uma instituição que busca levar esses ‘objetos’ ao público. É isto que ocorre com os visitantes do MUF, que estão em contato direto com as obras e com a comunidade, descobrindo além da possibilidade de apreciação da arte também a apreciação dos modos de vida daquele lugar, ou seja, não é mais um local onde as pessoas se dirigem para contemplar os objetos ‘sacromentalizados’, mas um museu ativo/vivo. Um bom exemplo disso é o Circuito Casas-Tela que perpassa toda comunidade e transforma a própria comunidade em museu.

O segundo fator é a modificação da ideia do museu como um lugar que só oferece um serviço para ser uma instituição que oferece serviços variados com diversas formas de interação destes com a comunidade. Observa-se esse ponto no MUF, pois além de museu também é uma ONG que oferece múltiplas atividades, como é visto através das inúmeras propostas feitas pelo MUF, como a iniciativa do mutirão do lixo, que é uma forma de conscientização dos moradores da favela de preservar e cuidar do espaço onde vivem, dessa forma gerando uma melhoria no território. Até a distribuição de ingressos para visitar teatros e cinemas fora da favela. Como se pode ver essas ações do MUF acontecem não só dentro da Base Operacional, mas também fora dela e até fora da comunidade.

Por fim, o terceiro fator apontado pelo autor é a “evolução da instituição” museu a partir de um aparelho principal para um serviço mais amplo, saindo de um lugar central “para uma multitude de formatações dispersas pelo território”. É a história da favela sendo contada por diversos lugares e instituições diferentes, como por exemplo, com as exposições itinerantes do

MUF. As memórias são contadas a partir de histórias dos moradores que fazem parte da biografia do Complexo de favelas Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, por causa da iniciativa de líderes comunitários e com a participação de artistas dela, que conseguem contar o passado com artifícios do presente como o *graffiti*. Essas exposições tem o intuito de levar a história da favela para museus tradicionais. Por isso, o Museu é de Favela e não da Favela, ela conta a história de uma favela dentre tantas outras com histórias similares.

Os termos Museu Comunitário, Museu de Território e Ecomuseu se confundem dentro da Museologia Social. Segundo o site³⁹ Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro, que atua no território de Santa Cruz, bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro e hoje é uma referência nessa área, Ecomuseu “é uma ação museológica consciente da comunidade com o objetivo de desenvolver o território que habita, a partir da valorização da História Local e do Patrimônio (natural e cultural) nele existente”.

Esses termos se misturam, sendo no final uma coisa só. Como afirma Odalice Miranda Priosti, membro da Equipe Dinamizadora do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro, “Museu do dia-a-dia, museu comunitário, museu sem paredes[...] Não importa a nomenclatura. É simplesmente o homem em diálogo aberto e solidário com seu presente, passado e futuro, visando maior integração da Comunidade em harmonia social e ambiental”⁴⁰.

Pode-se verificar pelas citações acima que o MUF poderia ser identificado com o termo Ecomuseu, mas seus sócios-fundadores acordaram em chamá-lo de museu de território. Segundo eles, o museu de território surge quando se cria um museu onde se procura integrar a comunidade local, o território, pertencimento, identidade local e os saberes daquele lugar. Ao contrário dos museus tradicionais, o museu territorial não está localizado num prédio. O acervo desse museu é toda a localidade: a casa, o garoto soltando pipa, a música, ou seja, é um conjunto de bens coletivos. Este também é um museu que se preocupa com um público externo (visitantes e turistas), mas visa principalmente o desenvolvimento local, dos seus habitantes e do território.

MUSEU → MUSEU DE TERRITÓRIO

Prédio → Território

Coleção de objetos → Patrimônio

Público/Visitante → População/ Comunidade

³⁹ Disponível em: <http://www.quarteirao.com.br/oquefaz.html>. Acesso em: 08 Fev. 2013.

⁴⁰ Disponível em: <http://www.quarteirao.com.br/pdf/Depoimentos.pdf>. Acesso em: 02 Fev. 2013.

Entrando no site oficial do Museu de Favela, logo no começo se pode ler a seguinte descrição: “A ONG Museu de Favela (MUF) integra moradores das comunidades do Pavão-Pavãozinho e do Cantagalo e desenvolve projetos com o objetivo de transformar o morro em um monumento turístico carioca. O MUF é o primeiro museu territorial de favela do mundo[...]”.

Segundo Rita de Cássia, o MUF é um museu de território, pois sua galeria fica a céu aberto, e está integrado à comunidade. Este museu é integral, segundo Rita de Cássia, pois abarca os modos de vida, de saberes e fazeres da comunidade, um museu vivo onde tudo pode ser acervo desde o barulho até arquitetura das casas dos moradores. Também segundo ela essa foi à forma que o MUF conseguiu para criar uma perspectiva de uma coisa não estática, mas que está em constante mudança, diferente dos museus tradicionais. Para ela o MUF não se preocupa só com o cultural, mas também com a questão ambiental, com a infraestrutura de moradia na favela, entre outras coisas. Rita de Cássia finaliza dizendo: “Nosso trabalho é com mudança de território, melhoria de território, autoestima, fortalecimento de outras instituições, o MUF é uma ONG de fomento, é uma ONG guarda chuva que pensa em poder ajudar todas as outras”⁴¹. Quando os diretores colocam o MUF como “guarda chuva” estão expressando o desejo de aglutinar as outras ONGs, fazendo um trabalho através de parcerias e também em relação ao turismo que é feito de uma forma que tenta integrar toda comunidade.

Antônia Soares aprofunda a fala de Rita de Cássia ao dizer que o Museu de Favela teve como propósito construir um “museu de território que pudesse mostrar toda comunidade, sendo esse diferente dos tradicionais, um museu que fosse a comunidade inteira, e o acervo as pessoas que compõe ele”.

Para fazer um museu é necessário fazer uma escolha sobre que memória esse museu quer representar e a escolha da memória a ser representada pelo MUF foi feita através de entrevistas com os mais velhos da comunidade, sendo que nem todos queriam concedê-la. Talvez essas pessoas sentissem que essas histórias não tinham muito valor, e ao serem selecionadas para participar de uma exposição começam a adquirir novos significados e funções, que não existiam anteriormente. Segundo Chagas (2003, p.18) essa mudança no sentido da “coisa” “é uma das características marcantes do processo de ‘musealização’, esse objeto é escolhido dependendo do valor sociocultural que este representa para aquela comunidade”. Sendo assim, o “imensurável universo do museável (tudo aquilo que é passível de ser incorporado a um museu), apenas

⁴¹ Entrevista cedida por Rita de Cássia sócio-fundadora do MUF em 07 Fev. 2013.

algumas coisas, a que se atribuem qualidades distintivas, serão destacadas e musealizadas”. (CHAGAS, 2003, p.18)

Mesmo sem ter ainda apropriação completa dos conceitos da Museologia Social, o grupo intitulado Pró-Museu, que foi formado pelos primeiros integrantes do MUF antes mesmo de ter esse nome, já operava com essas categorias de valorização do objeto, categorias essas utilizadas pelos museus para classificar os objetos e assim ‘musealiza-los’. Quando esse grupo escolhe a história de alguns idosos, e recolhe tirando essas biografias do lugar comum e colocando-as de uma forma sacramentada, está se musealizando, fazendo elas se tornarem peça de museu, pois a partir desse momento essas histórias começam a dar testemunho do passado da vida na favela. Essas entrevistas foram selecionadas baseadas também nas qualidades/características que elas representavam. Ao passar a compor o acervo do museu, essas histórias apresentam elementos como “documentalidade, testemunhalidade, autenticidade, raridade, beleza, riqueza, curiosidade, antigüidade, exotividade, excepcionalidade, banalidade, falsidade, simplicidade e outras não previstas.” (CHAGAS, 2003, p.18) Dessa iniciativa do Pró-Museu surgiu à primeira exposição feita pelo MUF, “Despertar de Almas e de Sonhos”. Como já foi citado antes, é uma forma na qual a comunidade se identifica nessas histórias de luta, amor e muito trabalho.

Dessa forma busca-se preservar além do bem material, que são as obras de artes feitas nas casas dos moradores, também o bem imaterial ou intangível, que são as memórias dos moradores mais antigos que se perderiam se não fossem registradas. Chagas constata que existe a “inseparabilidade entre o denominado patrimônio tangível e o intangível. Enquanto o intangível confere sentido ao tangível, o tangível confere corporeidade ao intangível, um não sobrevive sem o outro.” (2003, p. 17).

3.2. MUF E MUSEU A CÉU ABERTO DO MORRO DA PROVIDÊNCIA: ILUMINANDO REFLEXÕES SOBRE MUSEUS NAS FAVELAS

O Circuito das Casas-Tela do MUF – que é uma galeria a céu aberto – pode ser comparada ao Museu a Céu Aberto do Morro da Providência, também no Rio de Janeiro, a fim de entender melhor como as categorias museu de território e museologia social se completam. A ideia de um museu a céu aberto já existia no morro da Providência desde 2005. Com a leitura dos

textos de Palloma Valle Menezes (2008) e o trabalho de Bianca Freire-Medeiros (2006) pode-se perceber algumas similaridades entre os museus que são pertinentes de serem levantadas.

Como citado anteriormente o museu de território surge quando se cria um museu onde se procura integrar a comunidade local, o território, pertencimento, identidade local e os saberes daquele lugar. Baseando-se nisso, os casos apresentados a seguir devem ser tomados como exemplos de museus de território dentro de favelas.

O Museu a Céu Aberto do Morro da Providência foi formado em 2005 pelo Programa Favela-Bairro⁴² e o Projeto Célula Urbana da Prefeitura do Rio de Janeiro. Este foi idealizado pela arquiteta e urbanista Lu Petersen “como parte da revitalização da área portuária que, além do museu, inclui a Cidade do Samba e a Vila Olímpica da Gamboa.” (FREIRE-MEDEIROS, 2006, p.52).

O Museu de Favela – MUF em comparação com o Museu a Céu Aberto do Morro da Providência possui alguns itens em comum. Primeiro podemos ver o envolvimento de arquitetas na criação desses museus que os planejaram dentro de um trabalho maior de requalificação do espaço urbano. Maria Lúcia Petersen, mais conhecida como Lu Petersen é a idealizadora do Museu a Céu Aberto da Providência. Formada em arquitetura e urbanismo, bem como Kátia Loureiro formada Engenheira-Arquiteta pela Universidade Federal de Minas Gerais, especialista em Planejamento e Uso do Solo Urbano (UFPE/UFS), mestre em Ciência e Tecnologia Ambiental (UNIVALI/Santa Catarina) e que foi uma das idealizadoras do Circuito das Casas-Tela do MUF.

Segundo o site oficial do Museu de Favela:

Kátia não reside na favela e entrou para o MUF a convite dos demais co-fundadores. Participou da origem do museu ao sugerir a ideia dos moradores de aí criar uma galeria de arte e memórias a céu aberto, o formato de um museu de território. Engenheira-Arquiteta [...] Ex-empresária, atuou por 30 anos como urbanista em desenvolvimento de territórios, acumulando experiência em gestão participativa, gerenciamento de projetos e planejamento estratégico.

⁴² Integrar a favela à cidade é a principal meta do Programa Favela-Bairro, da Prefeitura do Rio. Coordenado pela Secretaria Municipal de Habitação e financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o programa implanta infraestrutura urbana, serviços, equipamentos públicos e políticas sociais nas comunidades beneficiadas. http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/favela_bairro.htm#topo. Acesso em: 23 Fev. 2013.

A empresa KAL é uma empresa que participa das atividades do MUF direta e indiretamente. Desde sua fundação quando através da sua equipe multidisciplinar, que possui experiência em planejamento estratégico participativo, desenvolvimento de territórios, gerenciamento de projetos e sistemática de qualificação de recursos humanos locais, como pode ser visto pelo site⁴³, reuniu lideranças comunitárias para a implantação do MUF. Atualmente a KAL está desenvolvendo o projeto “Caminho do Alto” (ver anexo 3) além de apoio/parceria em eventos como: Cortejo das Vassouras e as edições do Jornal do Museu de Favela.

Segundo ponto que pode ser comparado é a formação do Museu a Céu Aberto do Morro da Providência, que foi criado no contexto do Favela-Bairro e do Projeto Célula Urbana, e o MUF que foi criado com a entrada do Programa do PAC 1 na comunidade, todos os dois a partir de iniciativas do governo. Dessa forma verifica-se o governo intervindo no espaço da favela.

No Museu a Céu Aberto do Morro da Providência foram investidos R\$ 14,3 milhões do programa Favela- Bairro “para a construção de redes de água e esgoto [...], como acontece em outras favelas, mas também para viabilizar um "roteiro turístico" que instituiu a localidade como patrimônio.” (FREIRE-MEDEIROS, 2006, p.52).

Assim como no Museu de Favela onde foram investidos 37 milhões, que além das obras de melhoria no território, através de projetos voltados para educação ambiental, trabalho e renda da área social, também teve parte desses recursos no PAC social que desenvolveu projetos sociais em cada uma das favelas que recebeu o programa, e no território do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho se deu com a criação do MUF e o desenvolvimento turístico do morro.

A grande diferença entre o MUF e o Museu a Céu Aberto do Morro da Providência é que a ideia de criação do MUF veio dos líderes comunitários, enquanto que na Providência não houve a participação da comunidade na criação do museu a Céu Aberto. Segundo Bianca Freire-Medeiros (2006), quando perguntado a Lu Petersen sobre o porquê de a comunidade não ter se envolvido na construção deste museu ela diz que “atribui a opção por esse tipo de intervenção não-dialógica à dificuldade de mobilização por parte da associação de moradores, o que, infelizmente, parece não ser uma característica exclusiva da Providência.” (2006, FREIRE-MEDEIROS, p.54). Com isso verifica-se que no morro da Providência a iniciativa de criação de um museu foi feito por um órgão externo à comunidade - projeto da Prefeitura-, enquanto no

⁴³ Disponível em: <http://www.kal.com.br/index.asp?i=servicos&id=0&ids=27>. Acesso em: 27 Fev. 2013.

MUF foi criado por demanda e iniciativa dos moradores, a partir das reuniões com líderes comunitários da favela.

Por fim, verificou-se a partir dessas comparações que os museus têm como função nos dois morros de guardar, preservar e expressar a memória da favela cada um com sua particularidade. Com a criação do museu, há uma tentativa de ampliar o olhar para dentro do território.

Tanto a implantação do Museu de Favela como a do Museu a Céu Aberto do Morro da Providência parte de uma reforma urbanística, é o Governo intervindo no território da favela através do museu e não somente com a infraestrutura, mas a partir da criação de uma cultura e de uma identidade da favela, alterando aquele espaço para atrair cada vez mais o “olhar” do turista e não apenas como uma melhoria para comunidade. O governo faz isso de forma diferente nos dois casos, pois o Museu a Céu Aberto do Morro da Providência é totalmente desenvolvido por um projeto da Prefeitura, enquanto que o Museu de Favela é desenvolvido, mesmo que a partir da entrada de um Programa de governo no território, mas com a participação ativa dos líderes comunitários não só na sua criação como também em sua continuidade.

A continuidade das ações do MUF mesmo sem o apoio do governo mostra a diferença entre uma ação exitosa feita a partir de ideias dada pelos líderes comunitários e uma que não teve a participação deles. Assim como cita Palloma Menezes (2008 p.14): “no caso da Providencia a população não foi nem ao menos consultada sobre o projeto do museu, que conseqüentemente acabou não encontrando “ressonância” entre os moradores desta localidade.” Ao observar sobre as ações desenvolvidas pelo Museu a Céu Aberto do Morro da Providência não se consegue encontrar nenhuma ação ainda em evidência.

Embora as ações do MUF não estejam completamente enraizadas entre a população do território, fato este comprovado pelos resultados das entrevistas com os moradores. Essas ações mesmo que lentamente estão tomando formas tanto para dentro como para fora, as parcerias com empresas como a Reserva mostra o poder de visibilidade que esse Museu/ONG possui fora da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto de estudo desta pesquisa encontra-se em processo de constante modificação, pois se trata de um museu vivo, que possui seu dinamismo nas relações constantes com moradores. O que se pode observar é que sem o trabalho desenvolvido pelo MUF de buscar, ouvir e depois contar a história da comunidade, provavelmente memórias teriam se perdido. Além disso, como cita Chagas (2003, p. 15) “um mesmo artefato pode ser agente evocativo de lembranças, suporte de informações e objeto-documento de diferentes discursos históricos”.

Nos primeiros tópicos pode-se concluir que as visitas ao morro já ocorriam antes da implantação da UPP no território, mas essa ação melhorou a circulação de pessoas dentro da comunidade. Causando impactos principalmente nas atividades desenvolvidas pelo MUF, como o Circuito das Casas-Tela. Em relação às propostas de atividades feitas pelo MUF percebe-se que elas estão divididas em propostas que são para dentro da comunidade e aquelas que são para fora. Como um exemplo, o Morro Acima, evento ao qual participei e pude constatar que tem uma intensa participação de pessoas de fora da comunidade, ao contrário da Brinquedoteca que tem uma participação mais clara dos moradores.

Há uma densidade de atividades culturais feitas pelo MUF e talvez algumas delas sejam produzidas apenas para os moradores de fora, e isso pode ser que não colabore para sua maior inserção entre a população local. As atividades que são feitas para comunidade precisam melhorar sua divulgação, desenvolvendo formas de promover ações comunicativas e de divulgação com a comunidade, pois as que estão sendo feitas até o momento não alcançam os moradores de forma muito ampla.

Sobre as entrevistas verificou-se que: não existe uma adesão muito forte do museu pelos moradores, talvez devido à dificuldade que o MUF tem de divulgar sua proposta para comunidade ou pelo processo lento que é trabalhar com termos tão subjetivos como: identidade, cidadania e autoestima. Também foi aferido que existe um maior conhecimento entre os moradores do Cantagalo, do que entre os moradores do Pavão-Pavãozinho, devido a localização da Base Operacional do MUF que fica no Cantagalo.

A inserção do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho através do MUF nesse novo jeito de “olhar” o espaço da favela através das reformas urbanísticas vem sendo usado pelo governo como uma

forma de mudar a maneira que se vê o morro para assim poder vendê-lo como mais um lugar turístico dentro da cidade. Isso tem sido verificado nas várias incursões do governo dentro das favelas, das apresentações destas através de formas midiáticas como novelas e filmes, que muitas vezes são exportados e mostram uma realidade embaçada da favela.

O conceito de Museologia Social vem esclarecendo o papel do MUF dentro dos termos do que é museu e também ajuda a entender seu papel dentro da comunidade traçar estratégias. O MUF é um museu que busca sair do lugar passivo e atuar no lugar ativo em múltiplos sentidos, pois desenvolve ações em toda comunidade, não só através de trabalhos específicos de museus, mas também como ONG oferecendo atividades diversificadas.

Ao final desse trabalho percebo que assuntos importantes como patrimonialização, ações da UPP na comunidade, o forjamento de uma identidade para favela criada pelos discurso do MUF, uma averiguação das ações culturais dentro da comunidade, dentre outros temas, poderiam ter sido mais aprofundados nesse trabalho de conclusão de curso, mas devido a falta de tempo e por conta dos prazos não foi possível fazer essas abordagens.

É necessário pensar em novas possibilidades de trabalhar e quais as melhores formas que o museu pode fazer para melhorar a comunicação/diálogo com a comunidade, para assim melhorar a visão que os moradores possuem sobre essa Instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS/ARTIGOS:

ABREU, Regina; DODEBEI, Vera. **E o patrimônio?** Rio de Janeiro. Contra Capa Livraria 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____, Zygmunt, **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural.** São Paulo, Fapesp / Iluminuras, 1997.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?.** Rio de Janeiro: Rocco: 1986.

DANTAS, Aline; MELLO, Marisa; PASSOS, Pâmella (orgs.). **Periferias em Cena!** – 4º Curso de Formação de Agentes Culturais Populares. Rio de Janeiro, [s.e], 2012.

FIEL, Repper. **Da Favela para as Favelas:** histórias e experiências do Repper Fiell. Rio de Janeiro: Coletivo Visão da Favela, 2011.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Gringo na Laje:** Produção, circulação e consumo na favela turística. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PINTO, Rita de Cássia; SILVA, Carlos Esquivel G. da; LOUREIRO, Kátia A. S. **Circuito das Casas-Tela, caminhos de vida no Museu de Favela.** Rio de Janeiro: 1.Ed., 2012.

DOCUMENTOS DIGITAIS:

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Papirus, 1994. Disponível em:<<http://pt.scribd.com/doc/59453392/Nao-lugares-Marc-Auge>>. Acesso em: 15 Novembro 2012.

CHAGAS, M. S. **Memória e poder**: contribuição para a teoria e a prática dos ecomuseus. Rio de Janeiro: II Encontro Internacional de Ecomuseus, 2000. Encontro Internacional de Ecomuseus (Preprints). Rio de Janeiro: Núcleo de Orientação e pesquisa Histórica (NOPH). Disponível em:<<http://www.quarteirao.com.br/pdf/mchagas.pdf>>. Acesso em: 10 Fevereiro 2013.

CUNHA, Juliana Blasi. **O PAC e a UPP no Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo**: Processo de Implementação de Políticas Públicas em uma Favela da Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro. Salvador. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais.07 a 10 de agosto de 2011. Disponível em:<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308347052_ARQUIVO_paperConlab.pdf>. Acessado em: 10 Fevereiro 2013.

_____. **Regularização urbanística e fundiária em uma favela da cidade do Rio de Janeiro**: Conflitos, percepções e práticas em jogo no processo. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 5 - no 3 - JUL/AGO/SET 2012 - pp. 483-511. Disponível em: <<http://revistadil.dominiotemporario.com/doc/DILEMAS-5-3-Art5.pdf>>. Acessado em: 10 Fevereiro 2013.

DOMINGUES, João Luiz Pereira. **A cultura dos "coitados"**: trajetória social e sistema de arte. Cadernos UniFOA (Impresso), v. 13, p. 55-66, 2010. Disponível em:<<http://www.foa.org.br/cadernos/edicao/13/55.pdf>>. Acesso em: 08 Novembro 2012.

FREIRE-Medeiros, Bianca. **A construção da favela carioca como destino turístico**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Disponível em:<<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=A+constru%C3%A7%C3%A3o+da+favela+carioca+como+destino+tur>>. Acesso em: 04 Fevereiro 2013.

_____. **A favela que se vê e que se vende**: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 22, p. 61-72, 2007. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n65/a06v2265.pdf>>. Acesso em: 05Dezembro 2012.

_____. **Favela como Patrimônio da Cidade?** Reflexões e polêmicas acerca de dois museus. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 38, p. 49-66, 2006. Disponível em:<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2266>>. Acesso em: 17 Dezembro 2012.

JULIÃO, Letícia. O Sphan e a cultura museológica no Brasil. Rio de Janeiro. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 43, janeiro-junho de 2009, p. 141-161. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21862009000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 07 Dezembro 2012.

MATTOS, R. C. **Carlos Lacerda X Leonel Brizola:** a volta da campanha pela remoção de favelas na imprensa carioca do século XXI. São Cristóvão: VI Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura, 2010. Disponível em:<<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT9/GT9-ROMULO.pdf>>. Acesso em: 25 Fevereiro 2013.

MENEZES, Palloma. Valle. **Quando a favela se torna museu:** reflexões sobre os processos de patrimonialização e construção de uma favela carioca como destino turístico. Caxias do Sul: V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, 2008. Disponível em:<http://www.uces.br/ucs/tplVSEminTur%20/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_5/trabalhos/arquivos/gt13-10.pdf>. Acesso em: 10 Janeiro 2013.

MOUTINHO, Mário. **Sobre o conceito de museologia social.** Cadernos de Museologia nº 1 – 1993. Disponível em:<<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467/370>>. Acesso em: 01 Dezembro 2012.

MOREIRA, Fernando. **Uma reflexão sobre o conceito de público nos museus locais.** MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia, n 3, 2007. Disponível em:<<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/01/Musas3.pdf>>. Acesso em: 10 Janeiro 2013.

MORAES, Camila Maria dos Santos. **Turismo e o Museu de Favela:** um caminho para novas imagens das favelas do Rio de Janeiro. Revista eletrônica de turismo cultural (USP), v. 04, p. 104-118, 2010. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/turismocultural/07.6CMoraes.pdf>>. Acesso em: 04 Novembro 2012.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 2, n° 3, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 08 Fevereiro 2013.

PORTILHO, Aline dos Santos. **Museu em favela:** cultura e memória na (re)produção do território. Salvador: ENECULT, 2012, p.10. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/?page_id=1566>. Acesso em: 27 Fevereiro 2013.

REVISTA MUSEU. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/mesa_chile.htm>. Acesso em: 02 Fevereiro 2013.

SILVA, Sidney. **Museu de Favela:** desafios de ressignificação de um território através da cultura local. Rio de Janeiro: INAE, 2012, p.7. Disponível em: <<http://forumnacional.org.br/pub/ep/EP0437.pdf>>. Acesso em: 20 Novembro 2012.

VARINE, Hugues. **O museu comunitário é herético?** In: Coletânea de Artigos. ABREMC. 2005. Disponível em: <<http://www.abremc.com.br/artigos1.asp?id=9>> Acesso em: 11 Março 2013.

Vial, Adriana Mendes de Pinho. **Evolução da ocupação das favelas na cidade do Rio de Janeiro. 2001.** Prefeitura da Cidade do rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Urbanismo. Instituto Pereira Passos. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAYv4AA/favelas-rio-evolucao-ocupacao-pdf>>. Acesso em: 05 Fevereiro 2013.

MONOGRAFIAS, TESES E DISSERTAÇÕES:

CANEDO, Juliana. **Intervenções urbanas em favelas:** o arquiteto no processo coletivo de construção e transformação das cidades. 165 f. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

CHAGAS, Mario de Souza. **Imaginação Museal:** museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. 307 f. Doutorado em Ciências Sociais Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, 2003.

MARZULO, E. P. **Espaço dos pobres. Identidade social e territorialidade na modernidade tardia.** 306 f. Tese de Doutorado em Planejamento Urbano e Regional. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, IPPUR-UFRJ, 2005.

MENEZES, Palloma. **Interseções entre novos sentidos de patrimônio, turismo e políticas públicas:** um estudo de caso sobre o Museu a céu aberto do Morro da Providência. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas: Sociologia – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. 2008

MORAES, Camila Maria dos Santos. **Museu de Favela:** pensando turismo e patrimônio no Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. 131f. Mestrado em Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, 2011.

FONTES:

ECOMUSEU DO QUARTEIRÃO CULTURAL DO MATADOURO. “Depoimentos”. Disponível em: <http://www.quarteirao.com.br/pdf/Depoimentos.pdf>. Acesso em: 02 Fevereiro 2013.

ECOMUSEU DO QUARTEIRÃO CULTURAL DO MATADOURO. “O que faz”. Disponível em: <http://www.quarteirao.com.br/oquefaz.html>. Acesso em: 08 Fevereiro 2013.

KAL. “A KAL”. Disponível em: <http://www.kal.com.br/index.asp?i=akal&id=0> Acesso em: 01 Dezembro 2012.

LAURIANO, Carolina. Notícia. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/08/remocao-de-familias-para-obras-da-copa-e-das-olimpiadas-gera-polemica.html>. Acesso em: 23 Fevereiro 2013.

MONTEIRO, Marcelo. Texto de autoria de. Disponível em: http://www.favelatemmemoria.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=21&infoid=8&sid=7/. Acesso em: 23 Fevereiro 2013.

MUSEU DE FAVELA. Segundo jornal informativo do Museu de Favela. Rio de Janeiro, 2009.

_____. Terceiro jornal informativo do Museu de Favela. Rio de Janeiro, 2010.

_____. Quarto jornal informativo do Museu de Favela. Rio de Janeiro, 2011.

_____. “Sobre o MUF”. Disponível em:
<<http://www.museudefavela.com.br>>. Acesso em: 30 Novembro 2012.

_____. Álbum. Disponível em: <http://www.facebook.com/museudefavela?fref=ts>.
Acesso em: 04 Novembro de 2012.

PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO (PAC). Definição. Disponível em:
<<http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac/>> Acesso em 23 Fev. 2013.

UNIDADE DE POLÍCIA PACIFICADORA. Estimativas socioeconômicas fornecida pelo site oficial. Disponível em: <http://uppsocial.org/territorios/pavao-pavaozinho-cantagalo/> Acesso em: 01. Dezembro 2012.

UNIDADE DE POLÍCIA PACIFICADORA. Pesquisa nas Favelas com Unidades de Polícia Pacificadora da Cidade do Rio de Janeiro, feita pelo Sistema Firjan de Outubro 2010.

UNIDADE DE POLÍCIA PACIFICADORA. Disponível em:
<<http://www.rj.gov.br/web/seseg/exibeconteudo?article-id=1349728/>>. Acesso em: 13 Fevereiro 2013.

ANEXOS:

ANEXO 1 — Entrevista com Empresa Reserva, parceira do Museu de Favela

A entrevista abaixo foi realizada por meio de e-mail, no dia vinte e nove de janeiro de 2013, às 14:16h (horário de Brasília).

– Como surgiu a parceria com o MUF?

O objetivo da Reserva+ sempre foi oferecer cultura gratuitamente e fomentar a cena artística carioca. O projeto foi ganhando força com o passar do tempo e o compromisso com este movimento aumentando. A partir daí sentimos a necessidade de não nos restringirmos mais a nenhum espaço físico, ampliar nosso barulho, potencializar a causa e ampliar o seu alcance. Com o momento da pacificação das favelas na cidade do Rio de Janeiro, resolvemos criar um evento de troca de experiências nessas comunidades. Foi aí que o Qinho entrou na história e fez a ponte com a comunidade do Cantagalo, lugar que frequenta desde sua infância. Através dele conhecemos o Tartaruga do MUF e após algumas trocas de idéias o Morro Acima saiu do papel.

– Quando surgiu a parceria com o MUF?

Os bate-papos, vistas e o processo inicial demorou um pouco mais de um mês até que a primeira edição acontecesse no dia 01/12/12.

– Quais são os projetos que a empresa desenvolve em conjunto com o MUF ?

Atualmente o único projeto que a empresa desenvolve com o MUF é o Morro Acima que vai até o final de fevereiro, mas já firmamos com o MUF a continuidade da parceria ao longo do ano de 2013 para outros eventos.

– Porque escolheram o MUF entre as outras ONGs?

Primeiramente foi ocasional. Foi a primeira ONG que a Reserva+ teve acesso. Acho que nisso a proximidade geográfica ajudou. Depois encontramos uma grande identificação entre os

dois projetos. A Reserva+ e o MUF atuam de forma muito similar, só que uma no asfalto e o outro no morro.

– Como é o processo dessa parceria?

A Reserva+ financia todas as edições do Morro Acima, o MUF sede o espaço e toda a renda do evento é revertida para o projeto deles.

– Quais são as contrapartidas do MUF para com a empresa ?

A contrapartida do MUF para a Reserva é a troca de experiência, o enriquecimento cultural e a possibilidade de incentivar um projeto socio-cultural potente.

ANEXO 2– Entrevista com moradores do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho acima de 15 anos.

As entrevistas abaixo foram realizadas entre os dias dezenove e vinte e nove de janeiro de 2013.

Idade: _____ Sexo: F () M() Morador: _____

1. Você conhece o MUF? () sim () não

Se sim, quais atividades você participa ou participou? _____

2. Como você conheceu o MUF?

3. Você conhece as atividades que o museu desenvolve?

4. Qual sua opinião sobre o trabalho do MUF?

5. Você costuma participar de algum lazer dentro da comunidade?

6. Você participa das atividades de outras ONGs aqui no Cantagalo-Pavão-Pavãozinho?

() sim () não

Se sim, quais? _____

ANEXO 3 - Entrevista com Empresa KAL, parceira do Museu de Favela

A entrevista abaixo foi realizada por meio de e-mail, no dia dezessete de janeiro de 2013, às 10:59h (horário de Brasília).

– Como surgiu a parceria com o MUF ?

A KAL é uma empresa especializada em Desenvolvimento Territorial, responsável pelo Trabalho Social associado à obra do PAC em Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. Entre as diretrizes da empresa está o fortalecimento e a valorização de instituições dos lugares em que atua. Desta forma, neste território, nossa equipe social visitou cada instituição local para apresentar nossa proposta de atuação - construída de forma participativa - e identificar possibilidades de atuação conjunta.

No nosso plano de atuação, na frente de atividades voltadas para Educação Ambiental, Sanitária e Patrimonial, existia uma frente voltada para aproximação da relação morador-ecossistema local e preservação da mata de topo de morro. Em reunião com o MUF, a instituição nos apresentou sua proposta sobre o Caminho do Alto – um circuito de visitação (ecotrilha) no topo do morro ligando o Cantagalo ao Caranguejo, com proposta de aproximação da relação morador-ecossistema local, através do resgate da história daquela mata, entre outros. Dentro deste contexto surgiu a parceria com o MUF.

– Quando surgiu a parceria com o MUF ?

Primeiro semestre de 2013.

– Quais são os projetos que a empresa desenvolve em conjunto com o MUF?

O Caminho do Alto (ecotrilha), conforme resposta 1.

– Porque escolheram o MUF entre as outras ONGs ?

Conforme resposta 1, por se tratar de uma ação prevista no plano museal da instituição que coincida com uma das ações do PAC Social.

– Como é o processo dessa parceria? Qual é a contrapartida do MUF para com a empresa?

O planejamento do escopo é construído de forma conjunta (Equipe PAC Social + Equipe MUF) e a implementação é realizada pelo MUF, com o suporte e acompanhamento da Equipe PAC Social.